

UM CADERNO PARA AS IDEIAS NA EDUCAÇÃO DO REINO ENCANTADO DE ÚRUTAI

MAGIA DE NERISSA

Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita (Orgs.)



UM CADERNO PARA AS IDEIAS NA EDUCAÇÃO DO REINO ENCANTADO DE ÚRUTAI

MAGIA DE NERISSA

Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita (Orgs.)



Um Caderno para as Ideias na Educação do Reino Encantado de Urutá: magia de Nerissa

1ª Edição – Março de 2024

DOI: <https://doi.org/10.57242/AeBook00002d>

Organizadores: Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita

Edição: Capa e Ruan Rocha Mesquita

Imagens: Inteligência Artificial Bing e Playground AI

Revisão Ortográfica: Simone Aparecida Fonseca Alves

Apresentação: Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita

Prólogo: María Esther Martínez Quinteiro

Prefácio: Jussana Maria Tavares

Posfácio: Raquel Alves de Carvalho

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação - AINPGP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122

Um Caderno para as Ideias na Educação do Reino Encantado de Urutá: magia de Nerissa [recurso eletrônico]. / Organização de Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita. 1. ed. Cajazeiras/PB: Edições AINPGP, 2024. (Coleção Cadernos de ideias para mudar o mundo; 4).

154 p.

Vários autores

ISBN: 978-65-87527-33-8

1. Educação. 2. Contos. 3. Educação superior. 4. Aprendizagem. 5. Estudantes pesquisadores. I. Martins, Daniel Valério. II. Mesquita, Ruan Rocha. V. Título.

CDU: 37:869.3

Bibliotecária: Francismeiry Gomes de Oliveira CRB 15/869

Copyright © 2024 AINPGP e autores

Todos os direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito dos autores do livro.



Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
Populares, Cajazeiras - PB, CEP: 58900-000

<https://ainpgp.org/>

INSTITUIÇÃO

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação – AINPGP

DIRETORIA

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca (Presidente)

Prof.^a Dr.^a Elzanir dos Santos (Vice-Presidente)

Prof. Me. Willyan Ramon de Souza Pacheco (Secretária)

Anna Catarine Amaral – Graduanda (Suplente de Secretário)

Prof.^a Me. Francicleide Cesário de Oliveira (Tesoureira)

Alzira Bruceleide Alves Dias - Graduanda (Suplente de Tesoureira)

CONSELHO EDITORIAL (NACIONAL E INTERNACIONAL)

Prof. Dr. Afonso Welliton de Sousa Nascimento (UFPA)

Prof. Dr. Allan Solano Souza (UERN)

Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals de Souza (UFPA)

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca (UFCEG)

Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio (UESB)

Prof. Dr. Bertulino José de Souza (UERN)

Prof.^a Dr.^a Ciclene Alves da Silva (UERN)

Prof.^a Dr.^a Cristiane Maria Nepomuceno (UEPB)

Prof.^a Dr.^a Diana Paula de Souza Rego Pinto Carvalho (UERN)

Prof. Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva (UFPB)

Prof.^a Dr.^a Elzanir dos Santos (UFPB)

Prof. Dr. Ernando Arraias Junior (UFERSA)

Prof. Dr. Fernando Gil Villa (USAL y ABS-USAL/Espanha)

Prof.^a Dr.^a Franselma Fernandes de Figueirêdo (UFERSA)

Prof.^a Dr.^a Francicleide Batista de Almeida Vieira (UFRN)

Prof. Dr. Giann Mendes Ribeiro (UERN)

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza (UERN/FAPERJ)

Prof. Dr. Glaydson Francisco Barros de Oliveira (UFERSA)

Prof.^a Dr.^a Kássia Mota de Sousa (UFCEG)

Prof.^a Dr.^a Maria da Paz Cavalcante (UERN)

Prof.^a Dr.^a Maria Eliete de Queiroz (UERN)
Prof.^a Dr.^a Ivana de Oliveira Gomes e Silva (UFPA)
Prof. Dr. Ivanildo Oliveira dos Santos (UERN)
Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva (UFCG)
Prof.^a Dr.^a Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)
Prof. Me. Luís Filipe Rodrigues (Universidade de Santiago/Cabo Verde)
Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Moçambique/UNILAB/Brasil)
Prof. Dr. Marcelo Vieira Pustilnik (UFSM)
Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Maia F. Barbosa (UERN)
Prof. Dr. Miguel Henrique da Cunha Filho (UERN)
Prof.^a Dr.^a Racquel Valério Martins (ABS-USAL/Espanha)
Prof. Dr. Renato Alves Vieira de Melo (ABS-USAL/ Espanha)
Prof. Dr. Rosalvo Nobre Carneiro (UERN)
Prof.^a Dr.^a Sandra Meza Fernández (Universidade do Chile/Chile)
Prof.^a Dr.^a Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)
Prof.^a Dr.^a Simone Cabral Marinho dos Santos (UERN)

A compilação, de responsabilidade assumida pelos autores, foi validada pelo processo de revisão fechada por pares, ou seja, os manuscritos científicos passaram pelo crivo avaliativo do CONSELHO EDITORIAL, a fim de garantir a credibilidade da produção, já que a AINPGP, por seu comprometimento com os conteúdos da Ciência, toma por preceito ético, para publicação, o atendimento das normas determinadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita	
Prólogo	11
María Esther Martínez Quinteiro	
Prefácio	15
Jussana Maria Tavares	
1. A trágica história de Mary Ann	17
João Pedro Martins Sousa	
2. A Busca por Aiyra	31
Raynara Fernandes Alkmim	
3. Determinações de Mary Ann.....	41
Ingrid Giovanna Gondin Damaceno	
4. O amor de Mary Ann e Rudá.....	52
Ana Cristina Brito Farias	
5. Do ódio ao amor pelos Indígenas	62
Leonardo Fonseca Severo	
6. A relação de Arthur e Akihiko	67
Thais da Silva Louzada	
7. A decisão de Sir Petris	73
Bárbara Letícia de Freitas Assis	
8. O caminho de volta	91
Maria Júlia Amâncio de Andrade	
9. A inquietação em Nerissa	109
Daiane Aparecida Cezário	
10. O desfecho de uma ignorância	118
Caio Renderson Farias Brito	
Comentários sobre a obra	126
Comentário 1	126
Ana Carolina Fialho de Abreu	
Comentário 2	131
Rosana Maria Lopes	
Comentário 3	134
Magna Mizurini	

Comentário 4	137
Ana Paula Cavalcante Alencar da Silva	
Comentário 5	140
Gislaine Cristina de Lima	
Comentário 6	141
Katielly Vila Verde Araújo Soares	
Comentário 7	143
Luz del Alba Rincón Méndez	
Comentário 8	145
Bruna Kellermann Barcellos	
Posfácio	147
Raquel Alves de Carvalho	
Sobre os autores	151
Sobre os organizadores	153

APRESENTAÇÃO

Iniciamos este texto com uma frase que ecoou, em nossas mentes, durante a Semana Pedagógica do IF Goiano do Campus de Urutaí no momento da mostra dos resultados do trabalho realizado, a várias mãos, entre os alunos das disciplinas de Relações Étnico-raciais dos cursos de Química e Educação Física e os alunos do PPGNEB da disciplina de Dissertação do curso 2022.2: “enquanto alguns fazem provas, vocês fazem livros”.

Essa frase foi dita no momento da apresentação do primeiro conto colaborativo realizado por todos os alunos dos cursos mencionados anteriormente, “Um Caderno para as Ideias de um Jovem do IF Goiano que quer Mudar o Mundo” e, ao ouvimo-la, remeteu-nos a várias reflexões sobre a importância de um repensar das práticas pedagógicas, de sistemas de avaliação que realmente venham a contribuir com os alunos e com uma conscientização na formação deles enquanto futuros profissionais da Educação. Essa ideia parte de uma teoria em desenvolvimento

chamada de “Avaliação Materializada”, na qual o fruto de avaliações, em formatos de textos, uma vez publicados, serão levados por toda a vida nos currículos desses alunos.

A ideia central, na construção dos contos, parte de dinâmicas de grupo e técnicas pedagógicas como a contação de histórias, calcadas em autores como: Antoine de Saint-Exupéry; Jérôme Ruillier; Rubem Alves e Machado de Assis.

As dinâmicas partem de interpretações de frases de contos como o “Pequeno Príncipe” e o conto “*Por Cuatro Esquinitas de Nada*” depois, postas em prática, com discussões sobre a moral dessas histórias. No caso desse novo material, que vem à luz, soma-se às ideias de leituras de obras como o “Conto de Escola”, de Machado de Assis e da obra “Estórias para quem Gosta de Ensinar” de Rubem Alves. Este elabora uma antologia de crônicas sobre a Educação e, entre elas, algumas que se intitulam “O País dos Dedos Gordos”.

Surge, então, a Coleção Cadernos de Ideias para Mudar o Mundo, e este volume agora apresentado -

“Um Caderno para as Ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí: magia de Nerissa” - foi escrito pelos alunos do 8º período da Licenciatura em Biologia do IF Goiano Campus de Urutaí.

A coleção agrupa contos que mostram as preocupações sobre o desenvolvimento humano por meio da Educação.

A princípio, a roupagem que antecipamos assemelha-se aos contos infantis, devido à escolha de personagens como reis, rainhas, príncipes e princesas, além de arautos, magos, feiticeiras e outros com títulos de nobreza, mas o que está implícito é uma carga de questionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais com a missão de desvelar os problemas do reino e, quiçá, possam contribuir com a mudança do mundo por meio da Educação.

Cada turma dos períodos de 2023.1 e 2023.2 (das disciplinas de Relações Étnico-raciais do curso de Química, Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania da Educação Física e do PPGENEB), Cultura, Currículo e Avaliação do curso de Biologia

foram responsáveis pela escrita de um dos volumes que incrementam a coleção, e cada um deles mostra problemas visíveis em nossa sociedade, que são propagados e multiplicados pela falta de interesse de alguns governantes em promover o que está estabelecido por lei: “a Educação como um direito de todos e dever do Estado e da Família”.

Esperamos que estas obras possam contribuir com reflexões acerca de nossas práticas pedagógicas e sirvam de modelo a ser replicado, transformando os alunos “feitores de provas” em alunos “escritores e pesquisadores” dos problemas sociais e culturais de seus entornos.

Daniel Valério Martins
Ruan Rocha Mesquita
Organizadores

PRÓLOGO

Agradezco al polifacético profesor doctor Daniel Valerio Martins, entre otras cosas pedagogo especializado en metodologías docentes, y al analista de sistemas Ruan Rocha Mesquita, que me hayan invitado a participar en este libro colaborativo, organizado por ambos, titulado *Um Caderno para as Ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí: magia de Nerissa*, el cual forma parte de la *Coleção de Cadernos de Ideias para Mudar o Mundo*, una obra ejemplar por sus objetivos transformadores, sus contenidos, sus atractivas ilustraciones, sus seductores personajes legendarios y mágicos y sus autores, alumnos de una institución educativa, llamados a aprehender su entorno y analizarlo críticamente, así como a responder por su aprendizaje y a aprender a enseñar produciendo cuentos.

De manera muy rápida en un congreso en João Pessoa he tenido el placer de conocer en persona al cearense Ruan Rocha, pero a juzgar por la parte que

le toca en este trabajo logrado, cuidado y sugestivo, que el lector tiene ahora entre sus manos, es mucha su valía.

A mi admirado amigo Daniel Valerio Martins, sí he tenido la fortuna de tratarlo desde que en 2010 aterrizó en la Universidad de Salamanca e iniciamos una colaboración académica nunca interrumpida desde entonces a hoy, desplegada en diversos escenarios españoles, portugueses y brasileños. En el curso de esta colaboración he tenido ocasión de comprobar personalmente su destreza comunicativa y su manejo del cuento, género narrativo de larguísima trayectoria histórica, oral, escrito o transmitido mediante imágenes, capaz de adaptarse a sociedades primitivas o tecnológicamente avanzadas y sobrevivir al paso del tiempo fascinando a quienes de él disfrutan, aunque no siempre sea reconocido o utilizado en todo lo que merece, más allá de su función de entretener, como instrumento docente y socializador de primer orden, tanto para un público infantil como para los adultos.

Con un cuento célebre, *Por cuatro esquinitas de nada*, de Jérôme Ruillier, en otras versiones reproducido bajo el título "Un cuadrado en el país de los redondos", se ganó Daniel Valerio la atención y el aplauso de mis veteranos alumnos de Doctorado en Derechos Humanos de la Universidad Portucalense de Oporto en Portugal e hizo una brillante y convincente apología del derecho humano a la diversidad y de la construcción de una sociedad inclusiva, cuando le invité a participar en dicho Programa, el 17 de abril de 2018, impartiendo un Seminario Internacional sobre la Declaración de las Naciones Unidas de 2007 sobre los Derechos de los Pueblos Indígenas, de los que es una ardiente defensor.

Leyendo ahora este libro que se me ha encomendado prologar, vuelve a mi memoria el gratificante momento más arriba descrito y me reafirmo en el valor pedagógico del cuento, que los organizadores han sabido transmitir a sus alumnos y que el lector del mismo podrá personalmente

comprobar.

María Esther Martínez Quinteiro

Titular Jubilada de la Universidad de Salamanca,
acreditada para el acceso a cátedra en Ciencias
Sociales y Jurídicas, actualmente catedrática de
Derechos Humanos de la Facultad Instituto Rio de
Janeiro (FIURJ/Br) y catedrática de la Facultad de
Derecho de la Universidad Portucalense de Oporto
en Portugal (UPT/PT).

PREFÁCIO

O professor Daniel Valério e os alunos da Disciplina Cultura, Currículo e Avaliação do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas escolheram escrever um livro ao invés de fazerem prova. Este é o grande motivo deste livro: ousar.

Depois de feitos, provas e livros têm processos e resultados diferentes. A prova é uma avaliação que envolve um conteúdo ministrado previamente, um prazo em horas para ser feita, memorização e se encerra dobrada e esquecida dentro de um caderno; ou então vira uma bolinha que é arremessada ao lixo (quem nunca, né?). O que fica registrado/valorizado é apenas a nota.

Este livro foi um processo que durou cinco (5) meses, cuja rota passou por conteúdos do ementário, diálogos, escolhas, decisões e uma escrita socializada que passou por compartilhamentos, correções, resistências, questionamentos. Como coordenadora de curso, testemunhei todo esse processo que resultou em uma nota, conforme as exigências dos

regulamentos acadêmicos, porém a “avaliação materializada”, planejada pelo professor Daniel Valério Martins e seus alunos, resultou nesta coletânea de contos literários.

Ao se aventurar pelo Reino Encantado de Urutaí, o leitor se envolve com todos os personagens típicos dos contos de fadas e, com eles, pode refletir sobre questões sociais que saltam da narrativa ficcional para a realidade humana.

O Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas se orgulha pela coragem de ousar que foi o grande ganho deste trabalho. Nota 100, com louvor, ao Professor Daniel Valério Martins e aos seus alunos!

Jussana Maria Tavares
Coordenadora do Curso de Licenciatura em
Ciências Biológicas. IF Goiano, Campus Urutaí

UM CADERNO PARA AS IDEIAS NA EDUCAÇÃO DO REINO ENCANTADO DE URUTAÍ: MAGIA DE NERISSA

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.”

Rubem Alves



1. A TRÁGICA HISTÓRIA DE MARY ANN



Nos últimos anos, o reino de Urutaí vem passando por momentos difíceis, por conta da tirania de seus líderes. O reino está nas mãos de sua jovem rainha regente Mary Ann, uma jovem mulher que jamais se sentaria no trono se não fosse pelo trágico falecimento de seus pais. Há três anos, seus pais e seu irmão mais velho faleceram durante uma viagem de navio para um outro reino distante, quando enfrentaram, o que todos acreditam ser, uma tempestade que levou o navio a naufragar.



Mary Ann era dita como uma das crianças mais belas já nascidas naquele reino, dona de cabelos longos e brancos, olhos azuis escuros como uma noite densa e sua pele era quase cristalina. Sempre foi uma garota serena e muito bondosa, nunca teve contato direto com seus súditos e, por isso, ninguém nunca a viu. Após a morte de seus pais, ela apareceu, durante alguns minutos, na cerimônia de coroação,

mas logo refugiou-se em seu formidável castelo. Contudo o reino inteiro estava presente para celebrar a ascensão de sua rainha regente.



Durante o reinado do rei George, o pai de Mary Ann, o reino era um lugar brilhante, vívido e alegre. Conhecido pela grande academia Uruthay, onde os filhos de toda a corte de todos os reinos vinham para nela estudar e se formar. Recebia jovens rapazes e

moçoilas, a academia ensinava os garotos a se tornarem grandes líderes, ensinando-os a serem diplomatas, a terem noções de economia e governo, ciência e filosofia. As jovens moças poderiam ingressar apenas para aprender sobre arte e cultura. Apesar da academia Uruthay receber aprendizes da realeza, a classe camponesa de Urutai também podia frequentá-la, assim como seres místicos conscientes.

Mary Ann nunca quis ser uma diplomata, tampouco uma rainha. Desde sua infância, sempre menosprezou o contato com outros seres humanos, sua única amizade foi com uma dríade chamada Nerissa, que morava na floresta Vannarana, uma parte isolada do reino. Nerissa foi sua única amizade, passavam horas brincando nos lagos e árvores de Vannarana. Após a morte do rei, Mary Ann nunca mais voltou à floresta, e Nerissa nunca mais fora vista.

O reino vem sofrendo uma tirania desde a morte do rei George, a rainha regente deixou as funções reais nas mãos do capitão dos cavaleiros do reino, Sir Petris. Arthur Petris era um homem alto, branco e de

cabelos negros longos e olhos da mesma cor.



Ele passou a governar o reino em cima de leis preconceituosas e excludentes, indo de encontro à filosofia defendida pela academia Uruthay, o que fez diminuir significativamente o número de alunos da academia.

Arthur proibiu que alunos fora da linhagem real ingressassem na academia. Os primeiros a serem

retirados da academia foram os alunos indígenas. Arthur os odiava por motivo desconhecido e acabou os expulsando. O restante dos alunos que eram vistos como diferentes (camponeses e seres místicos da floresta), foram obrigados a se retirarem não só da academia, mas também do reino, sendo obrigados a se refugiarem na floresta novamente. Mary Ann foi contra, mas homens como Sir Petris não aceitam receber ordens de uma rainha regente.

Os sábios professores foram contra essas atitudes intransigentes, mas nada conseguiram fazer para conter o capitão dos cavaleiros temendo serem punidos ou banidos da cidade. O núcleo de professores era composto por sete integrantes, três homens e quatro mulheres, e reconhecendo a supremacia de Petris, eles se calaram por medo ou se aposentaram por não quererem compactuar com tais injustiças. Devido à escassez de professores, estes foram substituídos por cavaleiros, que nada sabiam do ofício de ensinar, eram acostumados apenas a segurar espadas e arcos. À frente da grande academia

daquele reino, ele a levaram ao declínio e à perda de seu consolidado e respeitado nome.

Uma das alunas indígenas que estudava Arte, precisou abandonar a academia. Ela não podia acreditar no que estava acontecendo no seu reino.



Seu nome era Aiyra, uma garota de pele amendoada, cabelos pretos, lisos e longos, seus olhos verdes e olhar marcante. Aiyra sabia manusear muito

bem arcos, além de ser uma exímia alquimista, pois estudava, às escondidas, com o mestre de alquimia da academia, isso porque às outras alunas, somente lhes era permitido estudar Arte.

Ela odiava a rainha regente com todas as suas forças, considerava-a uma mulher fraca que não sabia nada sobre o reino que governava.



Em um belo dia, Mary Ann acordou em sua cama

enorme, sob lençóis brancos feitos de tecido de alta qualidade, que cintilavam a ponto de quase cegar uma pessoa, quando os raios solares adentravam o quarto. Seu quarto era maior do que uma casa de uma família camponesa! Assim que acordou, sua refeição matinal já estava posta em uma pequena mesa, havia morangos grandes e suculentos, uma torta de amora e leite de búfala.



Ann não gostava de frequentar locais onde havia muitas pessoas e acabou não frequentando a academia para estudar arte, que era a sua paixão. Então o Rei ordenou que a senhorita Silarya a ensinasse no próprio castelo e assim foi feito. Silarya era uma mulher jovem e muito séria, de estatura alta, cabelos castanhos e curtos, sempre trajava vestidos roxos que ressaltavam seus olhos verdes. Silarya ensinou tudo sobre arte à Ann desde quando a princesa completou seus dez anos.

Nesse dia, Ann estava muito inspirada e sentindo falta de uma pessoa específica que, por incrível que pareça, não eram seus pais nem seu irmão, e sim a bela dríade que habitava a floresta. Logo pegou uma tela em branco e colocou no belo pergolado nos jardins do castelo e começou a tecer pinceladas rápidas e precisas, era muito hábil com os pincéis. O desenho logo criou forma e dava para ver um belo ser se formando, não havia dúvidas de que era Nerissa. Cabelos longos com um tom magenta, sempre trançados em uma única trança, olhos amarelos

como um girassol, roupas decoradas com flores do tom de seus cabelos, sua pele era amarela quase laranja, e, assim, a bela pintura se formava, a dríade em cima da árvore, exatamente como Ann se lembrava dela.



Ann se sentia angustiada, triste e confusa com tudo o que lhe havia acontecido - seus pais, Nerissa, Petris, senhorita Silarya - sua mente não parava,

sentia que podia entrar em colapso.

Ainda nesse dia, Ann solicitou uma aluna da academia para ajudar-lhe com o processo criativo de sua obra. Lis era considerada a melhor aluna de Arte da academia e chegou escoltada ao castelo, vinha com muitos papéis em seus braços magros e pálidos e adentrou a bela sala de arte do castelo, onde a rainha a esperava.

- Aproxime-se. Disse-lhe a rainha.

E assim como pedido, Lis se aproximou e mostrou suas obras à rainha.

Particularmente ela não gostou de nada, e estranhou porque disseram que trariam a melhor aluna do setor de Arte da academia. Ann viu um rascunho um pouco menos à mostra do que os outros e pediu para Lis o mostrar para ela, e assim ela o fez. Era uma pintura que havia um aglomerado de olhos em uma estrutura oval e um fundo verde.

- Este é interessante. Disse-lhe Ann.

- E-este não é meu, vossa majestade. Disse Lis gaguejando.



No fundo, algo dizia para Ann que realmente não era dela, não parecia com as artes tradicionais antes apresentadas por Lis. Bastou perguntar, apenas uma vez, para que Lis contasse para Ann que a obra era na verdade de Aiyra, e que acabou ficando consigo por ela ter gostado, Aiyra não dava a mínima para isso. Vislumbrada com o desenho, Ann faria de tudo para encontrar a artista por trás da obra. Será que

finalmente a rainha conhecerá as aldeias de seu reino?

João Pedro Martins Sousa



2. A BUSCA POR AIYRA



Depois que a rainha viu o desenho de Aiyra, ficou encantada com ele. Fascinada, com cada traço, cada linha, cada cor, a rainha decidiu que precisava conhecer a artista responsável. Cahir e Eist, aqui! - gritou a rainha!

Determinada a encontrar a indígena responsável por aquele desenho, a rainha Mary Ann convocou dois de seus cavaleiros mais confiáveis do reino para ajudá-la na busca. O cavaleiro Cahir tinha cabelos lisos à altura do ombro, castanhos escuro, olhos azuis e tom de pele parda, enquanto o cavaleiro Eist tinha cabelos pretos curtos, olhos castanhos e tom de pele negra. Ao se reunirem, para decidirem sobre a jornada que empreenderiam, eles descobriram que o Sir Petris havia expulsado a indígena Aiyra da academia de Uruthay, daí então, começaram a

pesquisar sobre o povo dela e a se questionarem onde, na floresta, ela poderia estar vivendo agora. Ao bem vasculharem livros, encontraram uma antiga história que contava a existência de uma comunidade indígena em seu reino, da qual poucos do reino conheciam.



Cheia de curiosidade e empolgada com essa nova informação, a rainha decidiu que iria pessoalmente

com seus dois fiéis cavaleiros à procura das aldeias indígenas para encontrar Aiyra. Ela estava determinada a conhecer mais sobre a cultura e a arte indígena e sabia que essa jornada seria uma oportunidade única de aprendizado.

E assim, foram se preparando para a grande jornada. Atravessando florestas majestosas e rios cristalinos. No meio do caminho, ela pôde rever e matar um pouco da saudade de sua única amiga Nerissa, com a qual comentou o que ali estava fazendo e procurando e que, na volta, iria reencontrá-la e contar-lhe tudo em detalhes. A rainha estava repleta de expectativas, imaginando como seria a experiência de conhecer a artista indígena e aprender mais sobre sua arte.

No entanto, enquanto a rainha seguia em sua jornada, ela sabia que havia muito a ser descoberto. A rainha Ann sabia que essa aventura estava apenas começando e estava muito ansiosa para descobrir o que ela lhe reservava: fossem mistérios ou descobertas emocionantes. Ela mal podia esperar

para chegar à aldeia e encontrar a talentosa indígena, para desvendar os segredos daquela magnífica arte.

No decorrer do caminho, a rainha conheceu pessoas incríveis, que compartilharam histórias sobre a riqueza cultural e a arte indígena. Ela descobriu a imensa profundidade da sabedoria transmitida por gerações e ficou ainda mais encantada e motivada a encontrar Aiyra.



O ENCONTRO

A rainha e seus dois cavaleiros seguiam pelas trilhas da floresta, cercada por uma bela vegetação e pelo magnífico canto dos pássaros. A rainha Ann sentia a energia da natureza pulsando ao seu redor, e a ansiedade de conhecer Aiyra crescia a cada passo que dava.

Enquanto isso, os cavaleiros preconceituosos (que ficaram no reino) governavam o reino com mão de ferro, espalhando desigualdade e intolerância. Eles temiam a mudança e resistiam a qualquer forma de diversidade.

Após semanas de uma longa jornada, a comitiva da rainha finalmente chegou à aldeia indígena Kone Kane. A rainha Ann foi recebida com calorosas boas-vindas pelos moradores dali e das aldeias vizinhas, que se concentraram em uma casa de cultura para celebrar a sua visita.

A indígena, chamada Aiyra, estava entre eles e nem imaginava o porquê daquela visita repentina da

rainha. Nem por um instante, passou pela cabeça dela que a rainha, por quem não tinha admiração, estivesse ali para conhecer não somente a aldeia, mas, principalmente, a ela e a sua arte única.



Em uma cerimônia especial, Aiyra apresentou seus desenhos a todos, por mais que ela não ligasse muito para a Arte, algo dentro dela dizia que deveria fazê-lo naquele momento, junto aos demais indígenas que ali

estavam recepcionando a rainha Ann. Cada peça contava uma história, preservando a cultura e os ensinamentos ancestrais de seu povo.



A rainha ficou maravilhada ao ver todos os desenhos de Aiya, e foi, naquele momento, que a rainha descobriu que aquela era a indígena Aiya por quem estava a procurar, e, mais uma vez, deslumbrou-se com a habilidade e a dedicação

daquela artista reconhecendo a profundidade de significado por trás de cada traço.

Enquanto apreciava as obras de arte, a rainha Ann percebeu que a arte de Aiyra era um reflexo da conexão profunda que ela tinha com a natureza e sua comunidade. Era uma expressão viva da história e dos valores do seu povo indígena. A rainha sentiu-se muito grata por ter tido a oportunidade de testemunhar essa riqueza cultural e aprender com ela.

Quando a noite caía sobre a aldeia, a rainha Ann compartilhou histórias e tradições de seu reino com os moradores, e todos se alegraram com a troca de experiências. A rainha percebeu que, apesar das diferenças culturais, havia tantos pontos de conexão e aprendizado mútuos que poderiam enriquecer a vida de todos.

No entanto, à medida que se aprofundava na conversa com aquele povo, a rainha também percebeu que ainda havia muito a aprender sobre a cultura indígena. Ela sentiu que apenas arranhou a

superfície do vasto conhecimento que as aldeias guardavam.

Surgiram perguntas em sua mente: Como preservar e honrar essas tradições? Como compartilhar essa riqueza com seu reino?



Ao final da visita, a rainha Ann, Aiyra e o cacique prometeram manter contato e continuarem essa importante troca cultural.

Finalmente com a mente aberta e mais segura de si, a rainha percebeu que devia voltar para seu reino e assumir seu trono e, assim, poder pensar em algo para promover a valorização da arte indígena e a preservação de sua cultura, e acolher qualquer aluno indígena que tivesse interesse de passar pelo processo seletivo a fim de conseguir ingressar na academia de Uruthay.

E assim, com o coração cheio de inspiração e gratidão, a rainha Mary Ann se despediu de todos da aldeia e retornou ao seu reino levando consigo não apenas algumas das maravilhosas obras de arte de Aiyra, mas também um compromisso renovado de honrar e respeitar a riqueza cultural do seu reino.

Mas afinal, o que o destino reserva para a Rainha Mary Ann? Como ela enfrentará os cavaleiros preconceituosos que governam seu reino? Será que ela conseguirá promover a inclusão e a valorização das diferentes culturas em seu reino?

Raynara Fernandes Alkmim



3. DETERMINAÇÕES DE MARY ANN



No retorno para o seu reino, a rainha encontrou sua amiga na floresta Vannarana. Assim, Mary Ann pôde contar tudo, em detalhes, do que estava acontecendo com o seu reino para sua melhor e única amiga, a dríade Nerissa. A rainha regente logo lhe pediu ajuda, pois reconhecia a sua força e determinação, e juntas governariam o reino de Urutaí, com o objetivo de promoverem a inclusão e a valorização das diferentes culturas.

Nerissa aceitou as aclamações e pedidos de Ann, porém ela não podia ficar muito tempo longe de sua árvore, pois poderia acabar morrendo.

Enquanto retornavam ao castelo, a rainha lembrou-se do breve encontro com o indígena Rudá.

Devido a todos os problemas que enfrentara, Mary Ann ainda não fora capaz de se apaixonar, nem

mesmo se encantar por Rudá, que por ser uma divindade do amor, todas as mulheres que o viam, logo ficavam admiradas por tamanha beleza. Rudá era um homem alto, forte, imponente, indígena, irmão de Aiyra. Embora sua irmã possuísse olhos castanhos, mesmo assim, eles dois eram bem parecidos fisicamente, pois ambos tinham cabelos pretos e lisos, pele morena e um olhar penetrante.



Houve apenas algumas conversas e trocas de olhares entre a rainha e o indígena, já que a rainha não fora à aldeia em busca de um amor, mas sim, da autora que havia feito a pintura de um aglomerado de olhos em uma estrutura oval com fundo verde.

Nerissa aceitou as aclamações e pedidos de Ann, porém ela não podia ficar muito tempo longe de sua árvore, pois poderia acabar morrendo. Apressadas, chegaram rapidamente ao castelo. Arthur Petris percebeu uma movimentação diferente no ambiente, e logo se aproximou para descobrir o que estava acontecendo, entretanto, quando viu Nerissa encantou-se por sua beleza ímpar.

Arthur possuía uma beleza etérea, por ser um homem alto, de cabelos negros e longos, olhos puxados e da mesma cor, Nerissa também vislumbrou-se por seus encantos.

Mary Ann, com sua hábil inteligência, imediatamente identificou o clima romântico que rolou entre os dois e interrogou Nerissa:

- Você está se recordando que foi ele quem

expulsou todos os povos indígenas da academia?



- Como uma dríade, forte, militante e determinada não deveria se envolver com pessoas como ele, intolerante e hostil. Afinal de contas, você é a minha melhor amiga e meu braço direito, veio para me dar suporte nas tomadas de decisões.

Nerissa replicou:

- Eu realmente não vim para vivenciar paixões

imprudentes. Estou aqui para te ajudar. Essa situação foi somente um, deslize, não mais acontecerá. Tudo bem para você? Desculpe-me, Mary!



- Eu não me importo que você se relacione com quem queira, só não quero que isso interfira nas tomadas de decisões que teremos que tomar daqui para frente. Está tudo bem sim, não precisa se desculpar. Vamos rápido, pois não temos tempo a

perder. Você não pode ficar muito tempo longe de sua árvore!

Arthur Petris, como de costume, não queria obedecer às ordens e, então, estava comandando, do seu jeito, todo o reino de Mary Ann, no entanto, a rainha logo convocou uma reunião com todos, inclusive indígenas, que haviam sido expulsos por ele. Nerissa e Mary Ann haviam conversado bastante sobre todas as providências a serem tomadas antes da convocação de todos, pois já era hora da ninfa partir para sua floresta. Nerissa se despediu da rainha e foi embora.

Mary, apesar de não gostar de frequentar locais onde havia muitas pessoas, ainda sim, foi capaz de realizar a reunião, na qual promulgou uma lei em que a academia Uruthay visa garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de culturas diversas, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais, com o propósito de preservar a cultura indígena e integrá-los no sistema educacional. Assim como,

determinou também, que quem realizasse algum tipo de discriminação ou preconceito seria punido ou expulso do reino, e quem fosse contra essas novas determinações, também seria convidado a se retirar e habitar em outro local.



Descompensado, Arthur foi atrás de Nerissa para mudar a situação. Mas, por qual motivo ele odiava tanto os indígenas? Isso só podia ter uma única

explicação. Seu pai, Akihiko, também era um. Quantas mágoas afligiam o coração do jovem cavaleiro? Tanta dor guardada, quanto ressentimento? A razão para tanto rancor era o abandono do pai. Arthur sofria muito com essa dor. Será que ele irá se restabelecer e reconciliar com seu pai indígena?

A TRIBO INDÍGENA "FILHOS DA TERRA"

Há alguns anos, em uma terra rica em florestas exuberantes, rios e vales verdejantes, vivia uma tribo indígena conhecida como os "Filhos da Terra". Essa tribo era liderada por um sábio e respeitado chefe chamado Akihiko, conhecido por seu profundo amor pela natureza e sua habilidade de se comunicar com os espíritos da floresta.

Em um reino não muito distante, a condessa Isabela, uma mulher delicada, bela, doce e gentil, estava em busca de algo que lhe faltava. Apesar da riqueza e poder que seus pais lhe deixaram, sentia um

vazio em seu coração que nem as joias mais preciosas podiam preencher.

Certa tarde, enquanto explorava a floresta encantada em busca de respostas, a condessa Isabela se deparou com Akihiko que era um homem formoso e admirável. As pinturas em seu rosto eram fascinantes aos olhos de Isabela.



O encontro entre Isabela e Akihiko foi mágico e o

sentimento instantâneo. Eles se apaixonaram perdidamente um pelo outro, mas o destino tinha outros planos.

As tribos rivais de Akihiko começaram a enfrentar uma terrível seca no bioma Cerrado que ameaçava a sobrevivência dos povos. Assim, houve uma invasão na aldeia "Filhos da Terra".

Akihiko fez uma escolha difícil, decidiu abandonar Isabela para salvar seu povo da guerra entre as tribos. Mas, embora sua tribo tenha sido salva, o coração de Akihiko ficou partido. Ele e Isabela nunca mais se viram, a princesa retornou ao seu reino, agora mais sábia, mas com a dor da perda em seu coração.

Um tempo depois, descobriu que estava grávida de Akihiko, passado os meses deu à luz a um menino, escolheu o nome Arthur, que simbolizava força, coragem e liderança. À medida que Arthur crescia, ficava cada vez mais curioso para saber quem era seu pai. Certo dia, sua mãe Isabela, contou-lhe tudo sobre o fruto do amor dos dois. Arthur ficou enfurecido com o abandono do pai, tornando-se um homem hostil,

intolerante e rancoroso.

Mas o que acontecerá com o amor de Mary Ann e Rudá? Nerissa conseguirá transformar todo o ódio de Arthur em amor?

Ingrid Giovanna Condin Damaceno



4. O AMOR DE MARY ANN E RUDÁ



Mesmo diante de todos os acontecimentos que o reino vinha enfrentando, Mary Ann sentia-se estar apaixonada por Rudá. Um sentimento que crescia a cada dia que se passava. A rainha não via a hora de reencontrar o seu grande amor, porém ela não sabia quando poderia reencontrá-lo.

Certo dia, por obra do destino, a rainha Mary Ann recebeu, em seu palácio, um convite enviado pelo Cacique da aldeia Kone Kane para participar de uma celebração indígena como forma de agradecimento por ela ter promovido a valorização da arte indígena e a preservação da cultura do seu povo, pois agora qualquer aluno indígena que tivesse interesse, poderia ingressar e estudar na academia Uruthay. A cada dia que passava, os indígenas vinham tendo mais interesse em estudar na academia Uruthay.

A Rainha aceitou o convite do Cacique e retornou à aldeia. Ao chegar, foi muito bem recebida por todos os indígenas e, principalmente, por Aiyra com uma grande festa, banquete e danças indígenas em sua homenagem como forma de agradecimento.



A rainha ficou muito feliz e agradecida pela homenagem.

Sob o olhar da lua cheia, eles dançavam entre si,

pois são as principais conexões entre os indígenas com as entidades e espíritos da floresta. Ann ficou encantada e admirada pela forma que eles dançavam e pela tradição que eles seguiam (suas vestes, o cocar e suas pinturas eram chamativas e dava gosto ficar admirando-os). Ao olharem os indígenas dançando, Ann avista o seu grande amor Rudá, os seus olhares se conectaram e Ann vai ao seu encontro. Rudá está com Sarih Naby filha do Cacique (dona de uma beleza única, pele morena, olhos azuis da cor do oceano, cabelos escuros longos e lisos, possuía um corpo definido, parecia ter sido esculpida pelos deuses, dona de um belo sorriso). Sua beleza chamava a atenção de todos os moradores da aldeia e, inclusive, chamou a atenção de Rudá que logo se apaixonou ao ver Sarih. Sendo seu amor também correspondido por Sarih, o Cacique deu a sua permissão para Sarih e Rudá se casarem.

Ao se reencontrem, os dois cordialmente se cumprimentaram e começaram a conversar, só então, Ann acaba descobrindo que Rudá é irmão de

Aiyrá e faz parte da aldeia. Sarih fica incomodada e questiona a Rudá de onde ele conhecia a rainha e ele explica para ela que eles se encontraram na floresta, Ann pergunta a Rudá quem é aquela moça que está ao lado dele.



Rudá, com um belo sorriso no rosto, diz à Ann, que Sarih é sua noiva e que os dois estão prestes a se casar. Mary Ann ficou triste com a notícia, a dor e a

tristeza tomaram conta do seu coração.

Ann deseja felicidades aos noivos e sai correndo sem entender nada. Preocupado, Rudá vai ao seu encontro, ao chegar perto de Ann, ele a ver chorando e pergunta-lhe?

- O que está acontecendo, vossa majestade?

Ann responde:

– Eu estou apaixonada por você, desde o primeiro dia em que te vi, na floresta.

Rudá fica surpreendido com a resposta de Ann e fica sem saber o que falar ou fazer. Então, ele simplesmente falou que sentiu algo quando a viu pela primeira vez na floresta, mas não sabe dizer que sentimento era aquele. Contudo, ele agora se encontrava comprometido e apaixonado por Sarih.

Ann não quer entender os sentimentos de Rudá, pois ela o ama.

SERÁ POSSÍVEL TRANSFORMAR O ÓDIO EM AMOR?

Ao se despedir de Mary Ann, Nerissa volta para o seu lar na floresta, o seu amor por Arthur continua, porém Nerissa não aceita o fato de Arthur odiar tanto os indígenas.

Em um dia chuvoso, Arthur vai à floresta à procura de Nerissa, com o intuito de mudar a situação e declarar o seu amor para sua amada. No entanto, ao se encontrarem, Nerissa questiona Arthur por qual motivo ele segue com tanto ódio aos indígenas. Enfurecido, Arthur fala com Nerissa que ele não foi ali para tratar ou falar sobre os indígenas, mas sim para declarar o seu amor por ela.

Nerissa o questiona novamente:

- Se você me ama assim como você diz, responda à minha pergunta. Por qual motivo você os odeia tanto? Se você não for capaz de responder à minha pergunta, eu quero que você vá embora e não venha mais atrás de mim!

Arthur, com raiva, responde Nerissa:

- Você vai acabar com o nosso amor apenas por eu odiar os indígenas?

Nerissa responde:

- Sim, eles são povos oprimidos, assim como nós seres da floresta.

Com medo de perder o seu amor, Arthur muito emotivo, começa a contar sua história para Nerissa:



- Durante toda minha vida, fui criado somente pela minha mãe, e com o passar dos anos, questionei-a sobre quem era o meu pai e, antes dela falecer, ela

decidiu contar-me toda a verdade sobre quem era o meu pai.

Arthur começa a contar a história para Nerissa.

- Em uma tarde, enquanto explorava a floresta encantada em busca de respostas, minha mãe, a Condessa Isabela, deparou-se com meu pai, o Akihiko. O encontro entre eles foi mágico, eles se apaixonaram perdidamente um pelo outro, mas o destino tinha outros planos traçados para eles.

Naquela época, a aldeia “Filhos da Terra” enfrentava um terrível seca que estava ameaçando a sobrevivência dos povos. Assim, houve uma invasão na aldeia da qual o meu pai Akihiko era o líder. Porém ele decidiu abandonar a minha mãe, quem o amava tanto, para salvar o seu povo contra a guerra entre as tribos.

Depois disso, minha mãe retornou ao reino, sentindo a grande dor da perda em seu coração. Logo depois ela descobriu que estava grávida, e alimentou a esperança de que com o meu nascimento toda a sua dor iria passar, porém essa dor, ao longo dos anos, só

aumentava, tomando conta do seu coração e de sua alma. Minha mãe perdeu o sentido de viver, acabou adoecendo e morreu por amá-lo demais e por não ter superado ter sido abandonada pelo homem que tanto amou.

Por isso odeio os indígenas, pois ele abandonou a mim e a minha mãe, para salvá-los.

Nerissa responde:

– Mas o seu pai tinha que fazer uma escolha: ou salvar o seu povo ou deixá-los morrer, ele era o líder, era o dever dele e não tinha outra escolha. E seu pai, em nenhum momento, sabia que a sua mãe estava grávida. E você também é indígena, carrega nas suas veias o sangue do seu povo e os traços, você não pode odiá-los por algo que eles não têm culpa.

Arthur fica sem saber o que falar e começa a questionar-se, se durante esse tempo todo estava errado.

Será que Arthur deixará de odiar os indígenas e viver o seu amor com Nerissa? Será que ele se encontrará seu pai Akihiko?

E quanto ao sentimento da rainha Mary Ann? Que rumo tomará o amor dela por Rudá? Será que o amor dela por ele será correspondido? Será que Rudá viverá esse amor proibido com Mary Ann? Será que ele abandonará Sarih e sua aldeia para viver esse amor?



Ana Cristina Brito Farias



5. DO ÓDIO AO AMOR PELOS INDÍGENAS



Depois de pensar muito no que Nerissa lhe disse sobre seu pai, Arthur reconhece que aquele ódio, arraigado em seu coração, já lhe havia feito muito mal, não só para ele, mas para todos que o cercavam. Durante toda a noite, após a conversa com Nerissa, Arthur se entregou em um choro tão profundo que foi capaz de lavar sua alma, foram tantos pensamentos, lembranças e arrependimentos que aos poucos caiu em um sono profundo, colocando assim um ponto final em um dia muito tenso.

No dia seguinte, bem cedo, antes que todos acordassem, Arthur decide que precisa de um tempo de tudo e de todos para colocar sua mente em dia, e então, monta em um de seus cavalos preferido e galopa sem rumo para qualquer lugar longe dali; foram dois dias galopando até que, por forças do

destino, ele chega a uma tribo chamada Xakriabá, onde foi muito bem recebido, e o mais incrível era que essa tribo era formada apenas por mulheres, e não havia nenhum homem naquela tribo.



Sulamita Xakriabá era a líder da tribo, uma senhora de cento e dois anos que tinha a alma e a energia de vinte poucos anos de idade, sua pele morena corada e com tranças que batiam no quadril

e olhos negros como a noite, veio lhe dar as boas-vindas com uma caneca, que por sinal era bastante interessante, pois era feita de um barro bem vermelho e nela percebeu-se algumas escritas que era impossível decifrar, deveria ser alguma língua antiga da tribo. Dentro da caneca havia chá de gengibre adoçado com mel puro de abelhas africanas, um dos melhores chás dizia Sulamita.

Arthur desce do cavalo e uma menininha que deveria ter apenas oito anos de idade leva seu cavalo para lhe dar água e comida, ela o conforta:

- Não se preocupe, cuidarei bem dele.

Sulamita convida Arthur a conhecer a tribo e explica o porquê de ali só ter mulheres. Arthur fixa os olhos em Sulamita e aguça os ouvidos enquanto ela fala:

- Aqui já foi uma tribo com homens como qualquer outra, mas uma terrível e misteriosa doença dizimou todos os homens e, de alguma maneira, somente nós mulheres éramos imunes a ela e também as crianças, é claro.



Arthur aprende muita coisa nova na tribo com Sulamita e decide ficar mais por ali para se aprofundar na cultura dessa intrigante aldeia, intentando com isso curar o ódio do seu coração. Foram três meses morando e vivendo a cultura Xakriabá, mas ali não era o lugar de Arthur. Ao passar dos dias, ele decide ir embora, e se antes em seu ser só existia força e guerrilha, agora ele aprendeu com

aquelas mulheres da aldeia a sentir vontade de viver e lutar pelo seu lugar e batalhar por todos sem largar a mão dos que mais precisassem.

Ao chegar em seu lar novamente, Nerissa o recebe e revela que Akihiko, o seu pai, aguardava-o havia quatro dias. Ao vê-lo, Arthur corre para abraçá-lo e diz o quanto o amava e o perdoa por tudo que acontecera no passado em relação à sua mãe.

Como será a relação de Arthur e Akihiko de agora em diante? Nerissa e Arthur farão as pazes?

Leonardo Fonseca Severo



6. A RELAÇÃO DE ARTHUR E AKIHIKO



Nesse encontro inesperado com seu pai, este se mostrou cheio de arrependimentos e desculpas, Arthur finalmente poderá conhecê-lo melhor.

Arthur agora já se encontra orgulhoso de suas origens e de sua cultura. Disse ao seu pai que o entendeu por ele ter ido embora defender seu povo, entendeu que ele era um homem iluminado e empático que sempre pensava em todos e sempre cuidaria de sua tribo com amor e dedicação.

- Arthur, muito triste, confessou ao seu pai que, ao longo da sua vida, ele sempre foi um homem detestável e que tinha feito coisas que não se orgulhavam, como expulsar todos os indígenas da academia de Uruthay.

Akihiko, perplexo com tudo aquilo, pede que ele volte ao reino para se desculpar com todos, pois

assim ele poderia ter uma vida mais justa e poderia ser aceito como parte de sua tribo “Filhos da Terra”.

Akihiko chama Nerissa para uma conversa e a questiona sobre ela não ter contado a ele sobre o seu filho e suas atitudes com todo o povo indígena.



Nerissa diz que queria deixar que o próprio Arthur lhe contasse o motivo de tanto ódio nutrido em seu coração. Ela também diz que acredita na mudança de

Arthur e que ele agora sente-se arrependido por tudo que fizera de ruim a tantas pessoas.

Akihiko, que é bem vivido e passou por vários lugares e conheceu muitas pessoas, desconfia da mudança de seu filho, e fica a pergunta: Será que devemos mesmo confiar nas intenções de Arthur? Será que a Rainha Ann confiaria nele novamente?

Nerissa, sem acreditar no que Akihiko estava dizendo, sai de perto dizendo que a rainha Ann era uma mulher muito boa.

Arthur, todo animado, prepara-se para pegar novamente a estrada e voltar ao reino de Urutaí.

NERISSA FAZ AS PAZES COM ARTHUR?

Quando Arthur terminou de conversar com seu pai, chamou Nerissa para conversarem. Nerissa, toda apaixonada, já chegou dizendo que o amava muito, que o perdoaria por tudo e que acreditava nele e em suas mudanças.

Depois de muitos beijos e abraços, e de

conversarem bastante sobre os três meses que Arthur passou na tribo Xakriabá, Nerissa apresenta Arthur ao seu irmão, que se chama Abaeté, um homem muito lindo que sempre chamava atenção por onde passava. com seus 1,80m de altura, ombros largos, forte, moreno e dos olhos claros.



Abaeté sempre viajava de tribo em tribo para poder ajudar todos, já que ele não era como sua irmã,

que não podia ficar por muito tempo fora da árvore.

Abaeté por ser um homem de bom coração, corajoso e cuidadoso era muito cobiçado pelas mulheres, mas ele por ser sempre dedicado ao bem-estar de seu povo, nunca havia se apaixonado por mulher nenhuma.

Abaeté, por ser muito protetor de sua irmã, não concordou com seu namoro com Arthur, Abaeté já ouvira muito falar sobre Arthur e sabe sobre sua má fama.

Nerissa fica muito triste, pois confia muito em seu irmão e sabe da pessoa íntegra que ele é e queria muito que ele desse a bênção para os dois.

Nerissa foi para o seu quarto pensar e lembrou-se da sua amiga Mary Ann, preocupou-se com ela, pois estava sumida, tinha ido para a tribo de Aiyra e ainda não havia voltado, estava muito preocupada, pois sabia que nos bosques e florestas têm muitos perigos. Pediu então que seu irmão fosse ao encontro de sua amiga. Abaeté, sem saber que sua irmã tinha uma amiga, perguntou-lhe quem ela era, sua irmã lhe disse

que se tratava da rainha Ann, e logo lembrou-se de que nunca havia apresentado seu irmão à sua melhor amiga.

Abaeté se despede de todos e de sua irmã, monta em seu cavalo e segue à procura da rainha Ann.

Arthur que estava preparando-se para voltar ao reino, chama Nerissa e diz a ela que vai voltar ao reino para se desculpar com todos, dá-lhe um beijo em, monta em seu cavalo e sai cavalgando pela floresta rumo ao reino de Urutaí.

Será que a intenção de Arthur é mesmo boa?

Será que Abaeté vai encontrar a rainha Ann?

Nerissa vai seguir amando e confiando cegamente em Arthur?

Thais Da Silva Louzada

7. A DECISÃO DE SIR PETRIS



Ao chegar ao reino e adentrar ao Castelo, Arthur solicita uma reunião com a rainha e com os membros do conselho de reino, quando acaba descobrindo que

sua majestade estava fora em uma visita à aldeia Kone Kane e que alguns nobres que faziam parte da família de Ann e membros do conselho aguardavam a volta do capitão dos cavaleiros do reino, Sir Petris.

Ele se perguntava por que o seu retorno era tão aguardado e ficou surpreso quando lhe foi revelado em uma reunião secreta, que algumas pessoas do castelo buscavam tomar o trono da rainha, pois não aceitavam que indígenas, seres místicos da floresta e camponeses tivessem os mesmos direitos que os nobres.

O plano era assassinar May Ann em uma de suas idas para a aldeia Kone Kane junto com os seus seguranças para que assim não tivessem testemunhas de tal crime.

A pessoa que estava por trás desse plano era Lorde Bozox tendo como comparsa Arthur, que, anteriormente a tudo, era quem ajudava nas tomadas de decisões do reino, e principal apoiador da expulsão dos indígenas e seres místicos da grande academia Uruthay.



Com medo do que poderia acontecer com sua rainha, o destino trágico que o reino poderia ter e o que aconteceria aos povos oprimidos que habitavam as florestas, Arthur, em seu íntimo, decide que não permitiria que tal plano fosse concluído.

Após a reunião, Arthur começou a pensar em um plano para proteger a rainha e o reino de Urutai, chegando à conclusão de que precisaria de mais

aliados. Logo foi em busca de seu fiel escoteiro Pietro a quem tanto confiava. Pietro assim que viu Arthur bateu continência como símbolo de respeito e foi abraçar seu mestre e amigo que há meses não o via.

Arthur, como não queria perder tempo, logo contou tudo o que estava prestes a acontecer para seu amigo.

- Escute, meu caro amigo, nossa rainha e o reino de Urutaí correm perigo!

- O que poderia ocorrer de tão grave assim para te deixar tão transtornado, meu mestre?

- Como já sabe, acabo de retornar após uma longa viagem. Parti, pois não aceitava que os povos indígenas e seres místicos vivessem entre os habitantes do reino novamente, mas também porque me sentia confuso. Assim fui em busca de Nerissa, a dríade, que ajudou a rainha Mary Ann a tomar todas as decisões sensatas e humanísticas para ter seu reino de volta. Mesmo odiando os seres místicos, fui tomado de amores por Nerissa por ver como ela é forte, determinada e autoritária quanto a sua opinião.

No pouco tempo que ela firmou estadia no castelo, tivemos poucas conversas, mas foi o suficiente para me apaixonar pelo ser único que ela é. Após muito conversar com Nerissa e lhe contar o motivo de meu ódio, parti novamente para poder refletir sobre minhas origens e minhas atitudes do passado. Encontrei pessoas que me ajudaram a me reconhecer e me mostraram como ser um homem melhor de agora em diante. Nesse tempo fora, Nerissa localizou meu pai e disse que eu precisava dele para me aceitar de fato como uma pessoa indígena.

- Espera... não acredito! O senhor é indígena?

- Sim, meu caro Pietro. Meu pai é o líder de uma aldeia chamada “Filhos da Terra”. Espero que possa me aceitar assim como me aceito agora, pois tenho certeza de que foi mais difícil a aceitação para mim do que será para você.

- Eu o admiro muito, senhor. Mas nunca fui a favor da expulsão dos indígenas e seres místicos no tempo que governou. Foi você que me tirou da miséria e me criou após a morte dos meus pais, sempre vou estar

ao seu lado não importa que seja certo ou errado. Fiquei muito preocupado com o senhor após sua partida e encontrá-lo novamente, deixa-me muito feliz e aliviado. Achei ter perdido a única família que me restou em todo reino.



Arthur emocionado por saber que era importante para seu aprendiz, dá-lhe um abraço e continua:

- Agora que conheço meu pai e tive contato com

várias culturas indígenas, quero fazer parte desse mundo, reparar o mal que fiz a essa gente, mostrar para todos que mudei de verdade após esses meses fora aprendendo, e, posteriormente, tomar a mão de Nerissa como minha esposa. Meu pai e Nerissa me aconselharam a retornar ao reino e pedir desculpas a todos pelo meu reinado de medo e preconceito. Porém, assim que retorno, já fui convidado para fazer parte do plano de assassinato da rainha Ann. Não quero que nada aconteça com a Ann, pois ela é uma jovem rainha, com muito potencial e nobres ideias para revolucionar este reino para melhor. Ela precisa viver e ser feliz depois de tantas perdas e de tanto sofrer.

- O que posso fazer para te ajudar a conquistar tal objetivo, meu senhor?

- Preciso que você me ajude a impedir que a rainha Mary Ann seja assassinada a mando de seu tio Lorde Bozox.

- Conte comigo, senhor! Como poderemos impedir que o plano seja executado?

- Ainda não tenho informações o suficiente para agir, mas eles pensam que sou um aliado para o plano. Eles não sabem que não sou a favor e será nossa chance de arquitetar um plano contra.

Assim Arthur e Pietro começaram a pensar em uma forma de proteger a rainha Mary Ann.

O ENCONTRO DE ANN COM ABAETÉ



Conforme pedido de sua irmã, Abaeté foi à aldeia

para saber do paradeiro de Ann, logo ao chegar lá foi muito bem recebido pelos moradores, pois nele reconheceram um ser humano com um grande espírito de sabedoria e senso de justiça. Ficou um tempo conversando com os moradores, e logo o cacique foi notificado da chegada do visitante. Assim que se encontra com o Cacique fala:

- O motivo da minha visita é para localizar a Rainha Mary Ann. Descobri recentemente que a melhor amiga da minha irmã é a rainha do reino de Urutaí. Confesso que fiquei surpreso ao saber que a rainha era sua melhor amiga, pois a fama dela é de nunca se mostrar para seus súditos e de viver isolando-se de tudo e de todos. E mais surpreso ainda fiquei em saber que ela está aqui. Pergunto-me o que aconteceu de tão importante para fazê-la sair de seu isolamento...do conforto do castelo?!

- A rainha tem mudado muito nos últimos meses e tem buscado evoluir espiritualmente para poder se tornar uma boa governante. Vejo que você está por fora dos acontecimentos no governo do reino de

Urutaí.

- Fiquei alguns meses na floresta de Sumero junto a aldeia Okê Arô estudando, eles possuem ensinamentos maravilhosos e uma relação muito forte com a natureza. Queria expandir minha conexão com a natureza e comigo mesmo e aprender mais sobre seus costumes e tradições.

- Sempre em busca de conhecimento, meu estimado amigo. É tão jovem, mas tão sábio. Venha comigo que vou te levar até a rainha. Ela está estudando os livros que meus antepassados deixaram na companhia de Aiyra.

Assim o cacique acompanhou Abaeté até Mary Ann. Quando chegam à sala de estudos, Abaeté é apresentado para Ann como a encarnação viva do espírito da sabedoria devido a sua tamanha paixão com todos e comprometimento em ajudar e ensinar as aldeias. Abaeté diz que não pode ser chamado por tal denominação, pois ele está longe de ser tão sábio assim. Isso porque não consegue aceitar o amor de sua irmã Nerissa e Arthur.

- Assim que retorno para casa de minha irmã, descobri que Arthur Petris estava lá e que ele e minha irmã estão apaixonados um pelo outro. Mesmo sendo tão sábio como todos falam, não consigo aceitar que eles fiquem juntos devido a tudo o que ele já fez aos seres místicos e indígenas. Ele possui muitos inimigos e tenho medo do que pode ocorrer à minha adorada irmã.

- Sinto-me um pouco culpada por esse amor que nasceu entre Nerissa e Arthur. Eles se conheceram apenas porque pedi que Nerissa me acompanhasse até o castelo para me dar forças e coragem de recuperar meu trono. Na época, ainda sentia muito medo e insegurança de ter que me expressar em público, mas o tempo que eu fiquei aqui, na aldeia, e com o apoio de Nerissa, consegui desenvolver autoconfiança, recuperar o meu trono e trazer de volta a possibilidade dos seres místicos e povos indígenas de frequentar o reino de Urutaí e serem acolhidos e incluídos na academia de Uruthay. Desde então, estou buscando fortalecer as relações entre as

várias aldeias localizadas próximas ao meu reino e me fortalecer para gerir um reino igualitário e sem discriminação.

Ao escutar tais palavras de Mary Ann, Abaeté ficou surpreso e feliz por perceber que a rainha tinha mudado. Ela agora se tornava forte, destemida, amava seu reino e faria de tudo para proteger e dar igualdade aos seus súditos.

Quando Abaeté e Ann pararam para se olhar, ambos sentiram algo que nunca sentiram antes. Nem por Rudá Mary Ann tinha se sentido assim. Foi paixão à primeira vista, em que uma forte atração iminente entrelaçou os dois. Ambos não sabiam reconhecer nem entendiam o que sentiam naquele momento.

Olhando fixamente para Ann Abaeté diz:

- Vossa majestade, Mary Ann, vim a pedido de Nerissa para saber se estava bem. Ela está preocupada, pois vossa majestade está demorando a retornar ao castelo.

- Não precisa me chamar assim, chame-me apenas de Ann. Fico feliz de enfim poder conhecer o irmão

de minha melhor amiga. Irei retornar amanhã, logo ao amanhecer. Não posso ficar ausente tanto tempo do meu reino. Principalmente por não ter ninguém confiável para ficar cuidando de tudo por lá.

- Se me permite, posso acompanhá-la na volta? Sinto que preciso estar ao seu lado desde o momento que a vi!

- Que peculiar! Sinto que a seu lado poderia voltar com mais tranquilidade para meu reino. Será muito bom ter o irmão de minha amiga me fazendo companhia.

Assim Abaeté ficou de acompanhar Mary Ann até o castelo. Quando se afastou de Ann, foi para seu local de descanso e ficou sem entender o que tinha acontecido consigo. Nunca tinha se sentido assim, hipnotizado por uma mulher antes e sabia que tal sensação iria continuar mesmo que lutasse contra. Será que ele, o Sábio Abaeté, tinha se apaixonado pela doce e bela Mary Ann?

Na manhã seguinte, logo nos primeiros raios do nascer do sol, Mary Ann, Abaeté e seus dois

cavaleiros saíram da aldeia para retornar ao reino de Urutaí. No caminho, Abaeté e Ann conversaram bastante até que ela pergunta algo que a deixava inquieta desde o momento que o conheceu.



- Abaeté, você não possui as características de Nerissa. Por quê?

- Ela nunca te contou? Não somos irmãos biológicos. Nerissa é uma dríade e eu sou um

humano.

- Sempre imaginei que você não era um ser místico, porque nunca estava em casa e Nerissa não pode ficar longe de sua árvore por muito tempo, mas você vivia viajando. Como se conheceram? Por que são irmãos?

- Nerissa me salvou! Desde os meus cinco anos, minha família viajava como vendedores, indo de cidade em cidade, não tínhamos uma casa fixa. Um dia nós fomos surpreendidos por um minotauro no meio de uma floresta muito distante daqui. Meu pai escondeu minha irmã em um baú e a mim dentro de um barril.

Minha irmã provavelmente achando que o minotauro tinha ido embora se mexeu no baú e foi morta junto com toda minha família. Dois dias depois, muito amedrontado, eu ainda estava escondido no barril e fui encontrado por Nerissa. Não tive coragem de me mexer por todo esse tempo como se estivesse paralisado. Nerissa acabou me levando consigo no seu retorno para casa/árvore e, desde então, estamos

juntos.



- Minha nossa! Que triste. Então, Nerissa salvou a sua vida e cuidou de você desde seus cinco anos de idade?

- Sim, ela me via como seu irmãozinho. Ela tinha um irmão biológico, mas ele foi morto por uma doença.

- Nerissa nunca falou sobre a família dela para

mim. Apenas que seus pais tinham morrido há muitos anos, ainda quando ela era muito jovem. É estranho pensar que dríades envelhecem lentamente. Quando eu estiver velhinha, ela ainda será linda e bela como é hoje e cuidando da floresta.

- Penso muito nisso também, não quero deixar minha irmã sozinha, mas não posso retardar o meu processo de envelhecimento. Nerissa é exatamente igual desde o dia em que a conheci.

Assim, durante um dia os viajantes seguiram caminho sem nenhum problema e chegaram à árvore em que Nerissa morava logo ao amanhecer. Nerissa ficou feliz e aliviada por saber que a amiga estava bem e que apenas passara mais tempo do que o previsto na aldeia por estar estudando os ensinamentos dos Kone Kane. Mary Ann disse que não poderia passar o dia e a noite com sua amiga, pois tinha que retornar logo ao reino, uma vez que já estava ausente tempo demais.

Assim, após despedir-se de sua amiga, partem em direção ao reino de Urutaí e Nerissa se pergunta o

motivo de seu irmão querer acompanhá-la. Tinha reparado que ambos se davam muito bem e sempre estavam sorrindo e felizes diante da presença um do outro.

Será que Abaeté e Ann, nesse tempo juntos, acabaram se apaixonando?

Ann tinha superado seus sentimentos por Rudá e escolhera amar Abaeté?

Será que Rudá não sente nada mesmo por Mary Ann? Ou ele ainda se sente confuso?

O que acontecerá com Ann assim que retornar para seu reino?

Arthur conseguiu bolar um plano para impedir que a rainha seja assassinada?

Bárbara Leticia de Freitas Assis

8. O CAMINHO DE VOLTA

Durante o caminho até o reino de Urutai, Mary Ann conta a Abaeté sobre o que aprendeu estudando os livros dos antepassados da aldeia Kone Kane:



- Antigamente, o mundo era formado por seres místicos de diversas formas, que viviam em harmonia entre si e com a natureza. Dizem que os primeiros homens aprenderam sobre as árvores e plantas com as Ninfas que habitavam as florestas, a caçar e lutar com os centauros, e com os elfos aprenderam sobre as ervas curativas.

- Interessante! Mas hoje em dia existem poucos seres místicos pelas redondezas, e desde que seus pais morreram, aqueles que habitavam o reino foram banidos para longe, ou privados de viver entre os humanos.

- Sim, infelizmente... Mas é uma realidade que irei mudar. Eles fizeram tanto por nossos ancestrais, não entendo como podemos tratá-los de forma tão cruel. Não quero que essa realidade faça parte do meu reino, nem dos reinos aliados ao nosso. Somos todos seres vivos e temos direito à liberdade, à vida.

- Sábias palavras, rainha. Seria bom se todas as pessoas pensassem dessa forma, porém somos seres egoístas e orgulhosos, e se algo não se desdobra a

nosso favor, então não é digno. Acho que é esse pensamento que grande parte das pessoas tem.

- Mas isso pode mudar. Estou levando comigo alguns manuscritos que fiz sobre os livros e os usarei para compartilhar com o reino sobre a importância de respeitar as diferenças e ajudar aqueles que precisam. Quero que Urutaí seja um reino para todos.



- Que assim seja, minha rainha. E saiba que estarei

ao seu lado para o que precisar.

Mary Ann virou o rosto para que Abaeté não percebesse o rubor em que se encontravam suas bochechas. Ela o agradeceu pelas palavras e seguiram o caminho para o reino, conversando e rindo durante todo o percurso.

A vida de Mary Ann nunca esteve tão leve desde a morte dos seus pais e se sentiu grata por ter tomado a decisão de sair do Castelo e ter ido em busca de Aiyra, pois tudo isso a fez enxergar o mundo de outra forma, e a conhecer pessoas tão incríveis, generosas, altruístas e diferentes. *Pessoas incríveis...* Esse pensamento a fez se lembrar de Rudá.

- Não acredito que ele vai se casar, mas... parece que algo em meus sentimentos mudou.

De fato, algo tinha mudado seus sentimentos. Ainda gostava de Rudá e se importava com ele, mas já havia aceitado que o relacionamento dos dois não seria nada além da amizade. Além disso, Mary Ann tinha Abaeté ao seu lado, e estar em sua companhia a agradava extremamente.



Chegando aos portões do reino, o guarda pediu para que se identificassem, e assim a rainha o fez. Após adentrar os portões, Mary Ann percebeu um tumulto estranho percorrendo os camponeses e alguns nobres do local:

- O que está acontecendo? Por que estão todos assim?
- O verão está chegando, minha rainha – Disse um

dos soldados – e os sacerdotes dizem que este será um dos mais longos e quentes de todos os tempos. Os seus súditos estão estocando o que conseguem de alimento antes que os campos sequem e fiquem improdutivos. A maioria das provisões foram estocadas para a nobreza e para o Castelo, então os camponeses estão tendo que dividir o que restou, e aí vira todo esse caos.



- Mas isso não faz sentido. Existem mais camponeses do que nobres ou moradores do Castelo. Não precisamos de tanto.

- Foram ordens de Lorde Bozox.



- Tio... pois muito bem! Retornei ao reino e eu sou sua rainha. Quero que ajude a descarregar metade das provisões estocadas no castelo e que as redistribua aos camponeses.

- Mas, minha rainha...
- Isso é uma ordem!
- S-sim, senhora.

A TRAIÇÃO INESPERADA



Mary Ann não acreditava no descaso de seu tio para com o resto do reino. *Quanta crueldade...* pensou

consigo mesma. Já estava na hora de assumir o controle de seu reino, de agir como a rainha que seus pais iriam querer que ela fosse. Pediu para Abaeté acompanhá-la até o castelo, pois se sentia mais encorajada com ele ao seu lado.

Teria de tomar a grande decisão de desfazer todo o conselho de nobres que reinaram durante sua ausência, pois a grande maioria era a favor dos pensamentos segregacionistas e excludentes de seu tio. *Tio... você terá que me perdoar, mas terei de tirá-lo do seu cargo.*

Com esse pensamento, a rainha adentrou o castelo junto com Abaeté, subiram as escadas que os levaram até a sala do Grande Conselho, mas se depararam com Arthur no caminho:

- Arthur! – Disse Mary Ann.

- Minha rainha – Fez uma reverência – Quando me avisaram da sua chegada, tive que vir correndo ao seu encontro.

- Para quê?! Para impedi-la de exercer sua função como rainha e assim vocês continuarem a reinar no

lugar dela? – Disse-lhe Abaeté com os punhos cerrados e um olhar penetrante em direção a Arthur.



- Não estou aqui para isso. Sei que errei muito durante esses últimos anos, mas quero me redimir com a rainha e com o reino a partir de hoje e até o dia em que morrer, mas temos coisas mais urgentes para discutir no momento. Rainha, preciso lhe cont...

- Minha sobrinha! – Lorde Bozox saiu da sala do

conselho e apareceu rapidamente atrás de Arthur – Fiquei sabendo do seu retorno. Espero que esteja bem e saudável. Seu quarto está arrumado e pronto para recebê-la.

- Obrigada, tio, mas isso pode esperar. Temos coisas mais importantes para conversar, e não só com você, mas com todos os participantes do conselho.

- Faremos isso, minha sobrinha. Mas, oras, não custa nada você tomar um banho e se vestir apropriadamente para o conselho, não é verdade?! – Lorde Bozox possuía um sorriso no canto da boca e um olhar cheio de audácia, como se estivesse planejando algo – Por favor, apronte-se adequadamente, e, em seguida, venha para a sala do conselho. Estaremos esperando por você.

- Tudo bem, então. Não irei demorar. Abaeté, você pode esperar na biblioteca, fica aqui perto. Ou nos jardins do castelo, se lhe agradar mais.

Abaeté não queria se afastar de Mary Ann, pois não estava com um bom pressentimento, mas concordou em esperar na biblioteca. Arthur já estava

indo se juntar a Abaeté quando Lorde Bozox o puxou pelo braço:

- Uma palavrinha, por favor.

Será que ele descobriu que não estou mais do lado deles? Esse pensamento fez Arthur se sentir desconfortável, mas não iria deixar que isso transparecesse, então acompanhou o Lorde de bom grado. Andaram em silêncio até chegarem à sacada do salão principal, que ficava de frente com o jardim do castelo. A vista era magnífica e alta. De lá, Arthur conseguia ver as florestas ao redor do reino, e logo pensou em Nerissa. Teve a sensação de que fazia muito tempo que não a via, e algo em seu coração pediu para que corresse daquele lugar e fugisse para os braços dela. *Isso pode esperar... vamos ter tempo quando a rainha retomar as rédeas do reino.*

- Pensando em coisas boas, eu presumo? – Perguntou Lorde Bozox, que observava Arthur atentamente.

- Estava refletindo comigo mesmo sobre a beleza deste jardim.

- Sim, sim, de fato. Minha cunhada tinha um gosto esplêndido para flores e arbustos. Uma pessoa magnífica desde pequena.



- Não sabia que você conhecia a rainha há tanto tempo.

- Oh, sim. Nossas famílias eram amigas, então fomos criados praticamente juntos: eu, ela, e meu irmão, o antigo rei.

Lorde Bozox observava atentamente a fonte central do jardim. Ela possuía três metros de altura e cinco de diâmetro, toda trabalhada no mármore. No centro da fonte, estava a escultura de uma mulher, toda vestida em panos de ceda, carregando um vaso de onde jorrava a água.

- Sempre fui apaixonado por ela, mas ela escolheu meu irmão. Nunca entendi o motivo. Sempre fui o mais forte, mesmo sendo o mais novo. Os melhores planos eram os meus, todas as batalhas eram vencidas por mim. Mas foi ele quem ela escolheu. Tão... bom. O homem mais gentil do mundo, de acordo com ela. Cá entre nós, sempre achei ele um fraco, que ajudava todos, independente de quem fosse — Seu rosto estava sereno, mas seus olhos demonstraram rancor e ódio — Acreditava que todos mereciam ter direitos iguais. Besteira. Se isso fosse verdade, Deus não teria feito pessoas como nós, e pessoas como aqueles camponeses e indígenas. Ah, e não vamos nos esquecer daqueles seres místicos. Tão estranhos, tão cheios de si. Sua existência é

indiferente para este mundo.

- Concordo com o senhor.

- Concorda mesmo? Pois fiquei sabendo que você estava tendo um relacionamento com uma ninfa. E passarinhos também me contaram que durante a sua viagem você se descobriu indígena. É uma pena, de fato.

Como ele ficou sabendo? Arthur não podia acreditar no que estava acontecendo. Tomou todo o cuidado possível para que ninguém do castelo soubesse e ele só havia contado isso para duas pessoas, Nerissa e... Pietro. Não. Não pode ser. Ele não faria isso... A mente de Arthur ficou turva durante um tempo, tentando encontrar alguma forma lógica de Bozox ter descoberto a verdade.

- Aquele seu fiel escudeiro era realmente fiel, mas sabe, eu acredito que sempre há algo que possa ultrapassar a barreira da fidelidade. Poder. A sensação de ter poder, de estar em uma posição privilegiada, sem restrições, sem limites... ah sim, é algo que faz uma pessoa repensar a sua fidelidade.

Além disso, você também o ajudou a ser assim, já que você acreditava nas mesmas coisas do que eu e criou o menino seguindo esse pensamento.

- Mas ele me disse que não concordava com minhas atitudes anteriores. Que não entendia o porquê desse preconceito e crueldade.

- Ah, meu caro Arthur – Lorde Bozox foi se aproximando de Arthur, fazendo com que se aproximasse cada vez mais da sacada – é muito fácil mentir para alguém. Na verdade, a primeira mentira é a mais difícil. Depois de um tempo, tudo se torna simples e natural.

- Você não vai ter sucesso em seu plano, Bozox! As pessoas irão ficar ao lado da rainha e irão odiar você pelos seus atos de crueldade – Arthur sentiu sua lombar entrando em contato com a sacada e conseguiu sentir a brisa em seus cabelos. Um pingo de suor caía de suas têmporas. Sabia o que Bozox estava prestes a fazer, mas poderia vencê-lo. Ele era mais forte – Seus dias de tirania acabam aqui.

Então Arthur correu para cima de Lorde Bozox,

rapidamente, enquanto o Lorde simplesmente ficou ali parado, esperando que ele viesse. Talvez sua imprudência não o tivesse deixado ver que o Lorde tinha em suas mãos uma adaga. Seu punhal era de ouro encrustado de rubis, e a lâmina era do mais puro aço existente.



Arthur só conseguia sentir um calor estranho na barriga, junto com uma estranha sensação de algo

saindo de seu corpo. Afastou-se de Bozox. Olhou para baixo e viu sua roupa cada vez mais cheia de sangue. Seu sangue. Sua vista ficou turva e ele cambaleou para trás:

- Sua morte não será em vão, meu caro Arthur. E lhe prometo que a morte de Mary Ann será ainda mais rápida e indolor – Lorde Bozox sorriu para Arthur e o segurou pelos ombros – Vida longa ao Rei Bozox!

Arthur sentiu seu corpo caindo, e, durante um momento, pensou em sua vida, em tudo o que havia feito durante os anos. Pensou em seu pai. Pensou em Nerissa. *Acho que terei que esperar mais um tempo para vê-la novamente.* Pensou em como Mary Ann iria sobreviver sem sua ajuda. Pediu perdão. E de repente, tudo escureceu.

O que acontecerá com Mary Ann? Alguém conseguirá conter o Lorde Bozox? Como Nerissa irá reagir com a morte de Arthur? Será que a rainha conseguirá alcançar os seus objetivos?

Maria Júlia Amâncio de Andrade



9. A INQUIETAÇÃO EM NERISSA



O Reino amanheceu em luto. Os boatos eram de que Sir. Arthur estava bêbado e acabou se metendo em uma briga e, em seguida, desequilibrando-se, caiu da sacada do Castelo. No entanto, Nerissa não acreditava nessa história, pois sabia que Arthur não era de se embriagar, já que ele acreditava que a bebida compromete o caráter dos homens.

Quando lhe contaram a notícia, entrou em um estado de choque. Não podia acreditar no que seus ouvidos escutavam, nas palavras que lhes eram ditas. Na noite passada, sentiu algo estranho em se coração, um aperto, mas pensou que não era nada, apenas uma sensação ruim que vem e vai. *Ele está morto... ele foi morto.* Nerissa tinha certeza disso. *Mas por qual motivo? Tenho que ir falar com Ann e com meu irmão.*

Com isso na cabeça, saiu de sua floresta e foi em

direção ao reino para descobrir o que realmente tinha acontecido.

Assim que chegou perto dos muros do reino de Urutaí, a ninfa deu a volta por trás e entrou no reino sem que ninguém a percebesse, pois a população de Urutaí havia criado uma intolerância a seres místicos, indígenas, e a qualquer tipo de ser e pessoas que fossem diferentes. Eles nutriam preconceito até entre os seus, pois os nobres desprezavam os plebeus, e os plebeus desprezavam aqueles com deformidades, os que não tinham o que comer ou onde morar. E todos eles repudiavam os seres que não fossem humanos.

Quando conseguiu entrar no Castelo, foi direto em direção ao quarto de Ann, esperando que ela estivesse por lá. Porém, encontrou-o vazio. Havia apenas alguns desenhos sobre sua cama e algumas anotações sobre planos para melhorar a Educação, a tolerância e o respeito em seu reino, e tudo isso seria ensinado através da oportunidade de estudo a todos. Enquanto admirava as ideias de sua amiga, ouviu passos vindo em direção ao quarto e rapidamente se

escondeu embaixo da cama.

Em seguida, duas pessoas entraram no quarto, uma mulher e um homem, e em seguida sentiu que colocavam algo sobre a cama:



- Certeza de que ninguém descobrirá sobre isso? – Perguntou a mulher que parecia apreensiva.
- Mas é claro! Somos só os entregadores da encomenda, e não os mandantes.

- Ela irá sofrer?

- Um pouco, mas terminará em menos de um minuto, e, depois disso, os planos do Lorde serão executados como previsto.

- Okay... só quero o que me foi prometido.

- Ele nos dará as riquezas prometidas, garanto-lhe.

E assim, os dois saíram do quarto, deixando o pacote sobre a cama. Nerissa se levantou e foi olhar o que era. Observava uma grande caixa ornamentada com um laço da mais fina seda. Abriu a caixa e se deparou com um vestido diferente daqueles vestidos pela realeza, pois não continha apenas costuras em seu tecido. Era todo colorido e possuía algumas pedras radiantes incrustadas na altura da cintura. Também continha um bilhete dizendo “Para rainha, de seus amigos indígenas”.

Nerissa começou a sentir um cheiro estranho, um cheiro forte e ardente. *Esse cheiro me é familiar...* Antes de completar seu raciocínio, alguém abre a porta do quarto. Era a Rainha Ann, toda vestida de preto, com o aspecto abatido e cansado. *A sua volta não deve ter*

sido algo fácil, pensou:



- Nerissa! O que você faz aqui? Poderia ter sido vista e... O que é isso em suas mãos?

Ann tomou o bilhete em suas mãos e o leu. Seus olhos se encheram de alegria e logo quis pegar o vestido para si.

- Deixe-me olhá-lo, Nerissa.

- Não, Ann.

- Por que não? É um presente de meus amigos, obviamente que irei usá-lo.

- Tem algo estranho nele. Senti um cheiro forte... Um cheiro de veneno.

- Eu não estou sentindo cheiro algum, e você deve estar fraca. Não pode ficar muito tempo longe de sua floresta. Deve estar sentindo coisas.

- Não é isso. Tenho certeza do que estou sentindo, pois meu olfato é aguçado. Tem veneno aqui!

Ann ficou meio desconfiada, pois Nerissa nunca havia mentido para ela, e não seria agora a primeira vez, não sobre algo tão importante:

- E como descobrimos se realmente está envenenado ou não?

- Vou esfregar o interior do vestido em um de meus braços. Se minha pele mudar de cor é porque aqui tem veneno.

- Isso não vai te machucar ou te fazer mal? – Ann se preocupou com a amiga.

- Por ser uma ninfa, consigo controlar melhor a absorção de veneno. Posso impedir que se espalhe e,

em seguida, consigo eliminá-lo.

- Tudo bem.

Nerissa pegou o vestido e o virou do avesso, em seguida começou a esfregá-lo no braço durante uns minutos. Começou a sentir uma queimação e logo percebeu a mudança de cor na sua pele. Ann ficou em choque, sentou-se na cama e começou a chorar. A ideia de que alguém queria matá-la era algo assustador.

- Mas... não entendo. Por que eles fariam isso?

- Não acho que tenha sido eles. Veja, eu escutei as pessoas que deixaram o vestido aqui. Elas falaram algo sobre um lorde, e no bilhete não especifica quem foi que mandou, só fala indígenas. Alguém está querendo matá-la e pôr a culpa neles, pois isso iria aumentar o desprezo do povo sobre eles.

- Tem razão! Mas o que eu faço? Existem tantos lordes, não sei como encontrar quem mandou isto.

Nerissa não estava conseguindo pensar direito, pois de súbito se sentiu fraca e tonta:

- Ann, preciso voltar para casa. Meu corpo está

fraco, e preciso da força das árvores para me recuperar, se não o veneno poderá fazer algum efeito sobre mim.



- Vá depressa! Contarei ao seu irmão o que aconteceu e pedirei para que fique ao meu lado.

Nerissa se despede de Ann e volta para sua floresta, mas continua preocupada com a segurança da amiga. O que eles podem fazer para evitar o pior,

já que Ann se encontra em um lugar cheio de pessoas egoístas e ardilosas que a veem como uma ameaça?

Daiane Aparecida Cezário



10. O DESFECHO DE UMA IGNORÂNCIA



Ciente de sua fraqueza pelo contato que teve com o vestido contaminado com veneno destinado à Ann, Nerissa constatou que a sua magia estava enfraquecendo cada vez mais. Seus feitiços não eram mais tão poderosos e ela sentia uma fraqueza inexplicável. Preocupada e determinada a encontrar uma solução, Nerissa ao chegar à floresta encantada, utilizou-se de rituais de cura nesse habitat mágico que a supria.

Ao longo de sua jornada, Nerissa encontrou criaturas da floresta que dependiam de sua magia para prosperar. Ela viu árvores murchas, riachos sem vida e animais entristecidos pela ausência de sua energia vital. Determinada a ajudar a floresta e em busca por respostas, indagava: por que planejaram algo contra a Ann, uma pessoa de coração tão

bondoso? Nerissa então continua sua busca por respostas.

Durante sua peregrinação, encontrou um dos guardiões da floresta, um antigo espírito da natureza, que se apresentou como Lulz e percebeu a fraqueza de Nerissa, oferecendo-lhe orientação.



-Querida, Nerissa, começou Lulz, o poder da Floresta Encantada está profundamente ligado ao

equilíbrio natural do reino.

Nerissa ficou surpresa com a revelação e perguntou-lhe:

- Como posso restaurar essa harmonia e recuperar minha magia?

- Nerissa, o Lorde Bozox está aumentando suas restrições sobre a educação e o conhecimento. Ele teme que as pessoas instruídas possam desafiar seu domínio e por isso busca manter todos na escuridão da ignorância.

Nerissa ficou chocada. Ela sabia que o conhecimento era a verdadeira magia, uma ferramenta poderosa para a libertação e a justiça.

- O que podemos fazer, Lulz? - Indagou Nerissa, preocupada com o bem-estar das pessoas e de Ann.

-Devemos ajudar a espalhar a luz do conhecimento.

-Precisamos encontrar maneiras de educar e inspirar aqueles que anseiam por aprender, para que possam desafiar o regime opressivo de Lorde Bozox.

Juntos, Nerissa e Lulz começaram a elaborar um

plano. A fada usaria sua magia para criar livros encantados que contivessem muitos conhecimentos, de história, ciência, arte e filosofia. Enquanto isso, Lulz usaria sua inteligência e astúcia para encontrar pessoas animadas, dispostas a ajudar na divulgação desse conhecimento proibido.

Eles secretamente distribuíram os livros encantados em locais ocultos, como cavernas escondidas, árvores antigas e esconderijos. A palavra se manteve lentamente entre os cidadãos curiosos sobre a existência desses tesouros proibidos.

À medida que o conhecimento se espalhava, as mentes das pessoas eram iluminadas. Eles chegaram a questionar as políticas opressivas do Lorde Bozox, exigindo liberdade e igualdade. O ditador, enfurecido com essa revolta intelectual, tentou suprimir essa insurgência, mas o desejo por conhecimento havia se tornado uma chama inextinguível.

Nerissa e Lulz se tornaram símbolos de esperança para os oprimidos, incentivando-os a lutar por um futuro melhor, baseado na sabedoria e na liberdade.

Com o apoio crescente da população, a resistência se fortaleceu, e o regime mantido nos reinos dominados por Lorde Bozox começou a desmoronar.



Eventualmente, com a união das mentes instruídas e determinadas, o povo se transitará em uma revolução importadora. O ditador foi deposto, e um novo governo, baseado na justiça e na igualdade, foi estabelecido em todos os reinos que estavam sendo

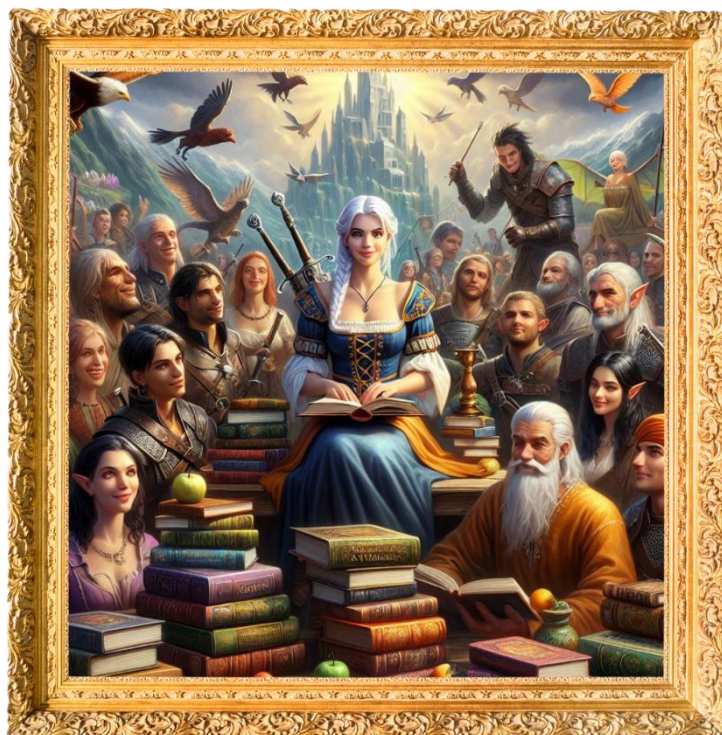
conquistados pelo opressor.

A fada e o guardião com seus conjuntos de esforços, não apenas restauraram a luz do conhecimento naquele reino, mas também mostraram que a Educação é uma ferramenta poderosa na luta pela liberdade e pela verdade. Juntos, eles continuaram a inspirar as gerações futuras a valorizar o conhecimento e a buscar sempre a sabedoria para construir um mundo melhor.

Após a queda do reinado opressivo de Lorde Bozox, o reino experimentou uma transformação notável sob o governo da nobre e benevolente Rainha Mary Ann.

Com a orientação sábia da rainha, o reino se tornou um farol de esperança e conhecimento. À medida que o tempo passava, o reino se tornou conhecido em todo o continente como um lugar de excelência educacional como de costume antigamente. Estudiosos e alunos de outras terras viajavam para lá em busca de aprendizado e inspiração como antes. O reino florescia não apenas

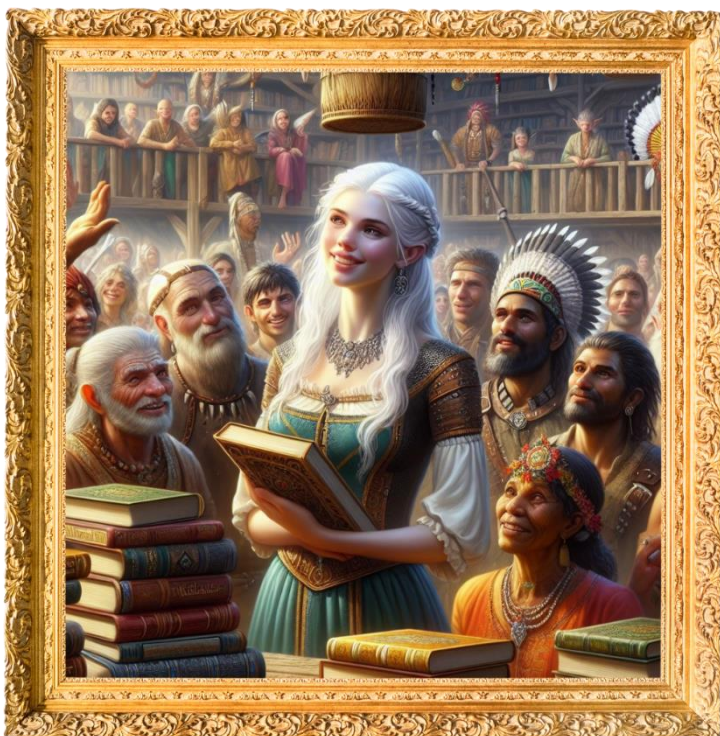
em riqueza de materiais, mas também em sabedoria e inovação.



Por fim, a Rainha Ann, com sua liderança justa e visão para o futuro, foi celebrada não apenas como uma monarca, mas como uma mentora e inspiração para as gerações futuras em todo o mundo.

Seu legado como defensora da educação e promotora da harmonia marcou a história do reino

para sempre. E assim, o reino se tornou um exemplo vivo de como o poder da Educação pode transformar sociedades, unir corações e mentes e abrir caminhos para um futuro próspero e luminoso para *todes*.



Caio Renserson Farias Brito

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Comentário 1

Pedagogia transformadora

Reconhecer a participação indígena no fazer epistemológico é contribuir para o processo de descolonização de mentes e corpos, desconstruindo o pensamento equivocados que nós, indígenas, não podemos acompanhar tendências tecnológicas, ou qualquer outra coisa que exista fora do contexto da aldeia e da ideia de que não seríamos capazes de ocupar tais lugares (XAKRIABÁ, 2023, p. 323).

A fala que aparece nessa epígrafe poderia ser da personagem Aiyra, indígena Kone Kane que foi obrigada a deixar a academia de Arte de Urutaí, ou da personagem Sulamita, senhora de cento e dois anos, líder Xakriabá que viveu e lutou pelo seu povo. Mas, na realidade e coincidentemente, trata-se de uma citação retirada do texto “Amansar o Giz”, da professora e artista indígena Célia Xakriabá (2023) da etnia Xakriabá de Minas Gerais, estado de onde escrevo as linhas deste prólogo, com muita alegria e entusiasmo, após a leitura da publicação.

Nesse momento de escrita errante, penso na

fricção entre a ficção e a realidade, na atemporalidade da história, nas histórias de vidas de mulheres indígenas, nas personagens femininas protagonistas, na diversidade da Educação no reino encantado, nas lutas sociais, na Educação Escolar Indígena, nas relações de poder, na censura e na vibração dos encantados. Enfim, a experiência da leitura choveu em mim diversas ideias e muita vontade de trabalhar a Magia de Nerissa nas aulas de Arte (Teatro) nas escolas.

Sou professora de Teatro e queria ressaltar a leveza na leitura do texto, sua inventividade, a minuciosa caracterização das personagens, a expressividade dos diálogos e a criticidade da história que muito tem a contribuir, não somente com o ensino de Teatro, mas também com o ensino das histórias e culturas indígenas nas escolas. Também vejo na narrativa, criada por tantas mãos, a presença do que Célia Xakriabá (2023, p. 321) chama de memória nativa (memórias mais antigas e que trazemos ancestralmente dos nossos pais, avós,

bisavós) e de memória ativa (reativadas no passado, mas ressignificadas, presentes e ativas ainda hoje para produzir novas relações no futuro).

Memórias! A partir desse texto também podemos exercitar nossas memórias (nativa e ativa) e criar outros cadernos com outras ideias para a Educação. Ele pode ser recontado, lido, dramatizado e continuado. Aiyra, por exemplo, pode se tornar professora de Arte da academia de Urutaí, Sulamita e as mulheres Xakriabá poderão receber os/as estudantes na aldeia e serem convidadas para palestrar na academia durante todo o ano letivo (não apenas no mês de abril) e uma delas, Célia Xakriabá poderá se tornar a primeira indígena eleita deputada federal por Urutaí ou, quiçá, por Minas Gerais. Eu, o professor Daniel Valério e todos os/as estudantes que escreveram esta obra, poderemos nos encontrar na floresta com as netas de Nerissa e aprender o segredo das folhas, dos plantios e das colheitas, ou seja, vivenciar o poder de uma pedagogia transformadora baseada na diversidade, em um

contexto encantado e democrático, onde sentiremos a responsabilidade de contribuir com a valorização e preservação da cultura indígena.

Para bell hooks (2017), a pedagogia transformadora (crítica), baseada na sua compreensão dos ensinamentos de Paulo Freire, tem exatamente como objetivo criar, no contexto escolar, o sentimento de comunidade, a sensação de um compromisso compartilhado, o reconhecimento do valor de cada voz individual. A autora traz, como exemplo, a feitura por cada estudante de um diário e a leitura em voz alta de parágrafos durante as aulas, destarte o que presenciamos aqui, neste volume, é algo similar, cada estudante escreveu, a partir de suas memórias e criatividade, partes de uma história – coletiva.

Celebro a metodologia de criação da obra e as pessoas envolvidas (na história e na criação da história). Citei neste texto o livro “Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade” de bell hooks (2017) e o livro “Terra: Antologia afro-

indígena” no qual se encontra o texto de Célia Xakriabá (2023). Nesse espiralar, finalizo este prólogo, ele deve ser levado para cavalgar.

Ana Carolina Fialho de Abreu

Professora no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Comentário 2

A narrativa do livro "Um Caderno para as Ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí: magia de Nerissa" é notavelmente rica e envolvente. Primeiramente, gostaria de parabenizar a todos os envolvidos na criação desta obra pelo excelente trabalho. A abordagem inovadora de usar a escrita colaborativa de contos como ferramenta pedagógica é admirável, refletindo um grande esforço em repensar e enriquecer as práticas educativas.

A história, com sua ambientação no reino de Urutaí e a personagem central, a rainha regente Mary Ann, é tecida com grande habilidade. A descrição detalhada dos personagens e do cenário cria uma atmosfera cativante, transportando os leitores para um mundo repleto de nuances e complexidades. O contraste entre o reino próspero e alegre sob o reinado do rei George e o período de tirania após sua morte é bem construído, proporcionando uma rica tapeçaria de eventos e emoções.

A inclusão de temas como a liderança feminina, a

importância da educação e a interação entre diferentes classes sociais e seres místicos adicionam profundidade à narrativa, oferecendo-nos múltiplas camadas de interpretação. A conexão entre a história do livro e questões reais de governança, educação e sociedade é uma excelente maneira de provocar reflexões críticas entre os leitores.

Além disso, a utilização das dinâmicas de grupo e inspiração em autores renomados, como Antoine de Saint-Exupéry e Machado de Assis, mostra um cuidado especial na construção dos contos, enriquecendo ainda mais o conteúdo.

Parabéns a todos os alunos e professores do IF Goiano do Campus de Urutaí pela realização deste projeto. Vocês não apenas criaram uma história cativante, mas também demonstraram como a educação pode ultrapassar as fronteiras do convencional, inspirando e motivando estudantes a se tornarem pensadores críticos e criativos. Este livro é um testemunho de sua dedicação, criatividade e compromisso com a educação de qualidade.

Rosana Maria Lopes

Mestranda em Educação FacMais -Inhumas/Brasil.

Comentário 3

" Um Caderno para as Ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí: magia de Nerissa " é uma obra fascinante construída de maneira colaborativa por alunos da graduação em Ciências Biológicas do IF Urutaí, demonstrando não apenas a diversidade de talentos dentro dessa disciplina, mas também a capacidade de ultrapassar os limites acadêmicos para explorar a magia da narrativa.

O enredo mergulha o leitor em um reino mágico, com uma rainha isolada por suas próprias inseguranças. A jornada se desdobra de maneira única, à medida que cada capítulo, escrito por diferentes estudantes, tece uma trama interligada que vai além das fronteiras do castelo da Rainha.

A decisão de abordar a realidade dos indígenas, que cercam o reino, adiciona camadas de complexidade à narrativa, oferecendo uma reflexão profunda sobre questões sociais e culturais. Os temas explorados nos capítulos revelam a riqueza de experiências que os alunos incorporaram à trama:

raízes e memórias culturais, traumas, rejeição, conflitos internos, adoção, ódio, amor, paixão, magia, desilusão, traição, conspiração, perdas e união proporcionando uma rica viagem emocional para os leitores explorarem. Essas múltiplas abordagens contribuem para a familiaridade com o conto, apresentando personagens com os quais fica fácil se identificar.

A trama reflete a compreensão de que o conhecimento não é apenas uma ferramenta intelectual, mas também uma força transformadora que pode impulsionar a mudança social e promover a inclusão. Além disso, o conto aborda temas sociais relevantes, como igualdade de direitos, resgate cultural e luta pela inclusão. Essa consciência social demonstra a maturidade e o comprometimento dos alunos com questões além dos limites da academia, adicionando uma dimensão de relevância e urgência à narrativa. Cabe aqui destacar o conhecimento como catalisador do empoderamento.

Os alunos da graduação ao se depararem com a

Avaliação Materializada na disciplina aplicada pelo professor Daniel Valério que transcende os métodos de avaliação tradicionais, demonstrando que o aprendizado pode ser aplicado de maneira criativa e impactante em forma de um conto e não com provas, validaram todas as suas habilidades acadêmicas escrevendo " Um Caderno para as Ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí: magia de Nerissa " que não é apenas um conto, mas também, o é uma experiência colaborativa que transcende as barreiras disciplinares, oferecendo uma narrativa rica, emocional e socialmente consciente. Essa obra representa além do talento dos alunos a capacidade que uma obra de ficção tem de servir como um veículo poderoso para explorar e transmitir mensagens profundas sobre a condição humana.

Magna Mizurini

Coordenadora Pedagógica da Educação Inclusiva na Secretaria Municipal de Educação de Caldas Novas/Brasil.

Comentário 4

A obra, um pouco mais robusta que as anteriores da mesma coletânea, mantém a transversalidade, sendo possível identificar, nas páginas iniciais, a crítica ao controle do sistema de ensino elitista tipificado pelas ações de Arthur Petris ao adotar medidas de exclusão, os primeiros da lista foram os indígenas seguidos dos camponeses e seres místicos da floresta. Marcado pela imposição do padrão e valores da elite da sociedade em detrimento dos valores culturais das demais camadas, esse modelo retrógrado obstaculiza o desenvolvimento e bem-estar do reino.

Não pude deixar de observar outro gargalo apresentado em paralelo, as posições dos professores apresentadas sob três aspectos:

1. Os que são contra as regras e consequentemente são punidos e excluídos;
2. Os que se adaptam, cedem por medo;
3. Os que não concordam com os absurdos e se aposentam para não ter que lidar com o problema.

Na academia do reino, a escassez de professores levou a outra situação difícil, a ocupação das vagas por cavaleiros, simbolizando profissionais de áreas diferentes. Tal situação gerou o descrédito da instituição e seu sucessivo declínio.

A situação exposta no texto me traz à memória situações por vezes encontradas em sala de aula ou em coordenações de cursos profissionais comprometidos consigo mesmos, distantes do papel de educador, postura essa, que fragiliza o sistema de maneira a comprometer o resultado esperado. Tal comportamento é mais frequente em áreas de periferia e nos centros de ensino destinado aos indígenas por serem categorias sociais mais vulneráveis.

Amor e ódio, inveja e ambição, arrependimento e perdão, respeito e diversidade, amizade e confiança, vida e morte, sabedoria e liberdade, justiça e igualdade. Dez autores, dez binômios marcam a narrativa de mais uma história emocionante do Reino encantado de Urutaí.

Dessa vez, a interação entre humanos e seres místicos da floresta conduz o leitor aos labirintos da emoção e suspense naquele que parece ser o destino do reino de Urutaí: lutar contra a ignorância e o preconceito a fim de trazer conhecimento, igualdade, liberdade e luz aos habitantes do reino.

A sensibilidade e inteligência dos espíritos místicos personificados em Nerissa, a dríade, atuando com os humanos e em prol deles, trazem a existência o tão sonhado “Reino para todos”, com governantes justos e comprometidos com todos os segmentos da sociedade, desejo e esperança atemporal de toda humanidade instrumentalizado pelos ensinamentos dos Kone Kane espalhados pela “luz do conhecimento”.

Ana Paula Cavalcante Alencar da Silva
Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

Comentário 5

A leitura deve satisfazer um desejo interior do leitor, e em “Um Caderno para as Ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí: magia de Nerissa ”, é possível satisfazer o desejo por uma leitura que evoca, nas entrelinhas, temas de inclusão e valorização cultural. O conto aborda principalmente a preservação da cultura indígena e sua integração no sistema educacional. Enfatiza a busca por conhecimento, sabedoria, e senso de justiça, levando o leitor a explorar questões sociais e culturais expostas, de forma sutil e preponderante, salientando a importância de se respeitar as diferenças, combater o preconceito, a discriminação e segregação do exercício dos direitos culturais de quaisquer indivíduos.

Gislaine Cristina de Lima

Psicóloga Clínica formada pela Faculdade Pitágoras de Uberlândia, Pós-graduanda em Atendimento Infantil pela Faculdade Faveni.

Comentário 6

A educação como encantamento é uma educação que contribui para uma transformação positiva de nossa sociedade, uma educação que possibilite a compreensão da realidade para sua evolução. O ato educativo é a abertura do encontro, do convívio das diferenças, de chegadas e partidas. Parafraseando Paulo Freire, temos vivido tempos de muito comunicado e pouca comunidade. E comunidade é compartilhar as experiências do comum, as impressões que temos sobre aquilo que nos cerca. Quando nós pensamos isoladamente na escolaridade desvinculada da educação, vemos que, muitas vezes, ela é limitada por barreiras curriculares que estabelecem como algo que deve ser ensinado, regras limitantes. Portanto, a dimensão educativa se devaneia nessa ênfase demasiada no currículo e na normatização do conhecimento. E neste livro, é possível pensar em estabelecer uma palavra que o caracteriza: conexão. Na leitura entusiasta dos contos, vemos que as pessoas são produtoras de

história. Isso posto, pois representa a construção da alegação de diferentes indivíduos em busca de objetivos comuns. Ele reconecta os sujeitos, suas memórias, seus encantamentos, pois refaz conexões que foram esquecidas no tempo hodierno. Portanto, o construir e participar do processo formativo de educação encanta, inebria, enfeitiça e traz outros sentidos para o mundo.

Katielly Vila Verde Araújo Soares

Professora da FacMais Inhumas.

Comentário 7

La preservación de las culturas indígenas es fundamental, ya que contribuyen a la diversidad cultural a nivel mundial con sus propias tradiciones, arte y valores únicos, entre otros. Proteger y preservar sus culturas es un acto de justicia y de respeto a la diversidad.

Sin embargo, en esta historia que te atrapa desde el primer momento, nos guía a la reflexión sobre el abuso de poder, una realidad que seguimos viviendo hoy en día, cayendo en prejuicios y discriminación; quienes no alcanzan a comprender otras culturas, razas o creencias, caen en este tipo de actitudes discriminatorias, lo que conlleva a conflictos, confrontaciones y tensiones sociales.

La educación es un derecho fundamental de todo ser humano, negarle a un individuo el derecho a la educación, puede generar un impacto negativo en la sociedad, limitando esos talentos que en un futuro contribuirían al progreso social. Asimismo, la historia nos induce a analizar que cada disciplina merece su

propio reconocimiento, habrá alumnos que tengan habilidades más desarrolladas en el arte, otros en matemáticas y así sucesivamente y es esta diversidad lo que enriquece a la sociedad, como bien menciona Raynara: “El aprendizaje mutuo enriquece la vida de todos”.

En la actualidad necesitamos líderes comprometidos con garantizar el derecho a la educación para todos y que al mismo tiempo sea inclusiva, independientemente de su origen étnico, discapacidad u otras características, creando así una sociedad donde su mejor herramienta para la vida sea la educación.

Luz del Alba Rincón Méndez

Lic. En Educación, BECENE, México; Doctoranda USAL, España.

Comentário 8

“Um caderno para as ideias na educação do reino encantado de Urutaí: Magia de Nerissa” emerge como uma obra rica em perspectivas, alimentada pela paixão dos autores e a compreensão dos organizadores Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita. A narrativa envolvente e o sequenciado detalhado oferecem não apenas uma visão sensível, mas também proporcionam lições valiosas sobre o ambiente pedagógico colaborativo em que a obra foi construída.

A mensagem de que, ao trabalharmos juntos para atingir objetivos comuns, cada contribuição única pode enriquecer significativamente o processo, ecoa nas palavras dos autores. A ênfase na inclusão, diversidade e valorização dos diferentes aspectos culturais ressalta a importância de conhecer e respeitar as singularidades de cada indivíduo.

Essa obra, com sua leveza e singularidade, contribui para a construção de uma visão mais humanizada e esperançosa da educação, tornando-se

uma boa leitura para todos os que buscam transformar os reinos educacionais em espaços mais inclusivos e enriquecedores.

Bruna Kellermann Barcellos

Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Salamanca (USAL). Mestre em Direção e Gestão Desportiva. Advogada do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

POSFÁCIO

Com alegria aceitei fazer o posfácio desta publicação com título “Um Caderno para as Ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí: magia de Nerissa”, organizado pelo professor Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita. Ao aceitar, passei a refletir sobre os caminhos e descaminhos pelo qual temos percorrido ao longo desses anos na política educacional de nosso país, fazendo-me lembrar a famosa frase de Darcy Ribeiro “a crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto”, projeto este que tem dado tão certo, que nesses últimos anos temos presenciado muitos professores e professoras de braços dados como o fascismo, o que por vezes nos faz perder a esperança e, ao mesmo tempo, acreditar que não temos mais idade para nos envolvermos nessa magia, e como dizia o professor Hugo Assmann: reencantar a educação.

Ter o privilégio de conhecer Daniel e suas metodologias de encantar a Educação, faz-nos voltar ao sonho de pensar outra educação possível. Nesta

produção, podemos ver materializada essas possibilidades no universo da formação de educadores e educadoras comprometidos e comprometidas com a destruição do projeto citado por Darcy Ribeiro. Assim, interrogo: Que tipo de formação de educadores e educadoras é necessário para que as novas gerações de professores e professoras se envolvam em propostas de educação para termos profissionais que queiram e tenham prazer em dizer “eu sou professora ou professor”? Que experiências acadêmicas possibilitam formar um professor, uma professora reencantada e comprometida com a educação libertadora e que, sobretudo, contemple a diversidade escolar em suas múltiplas dimensões?

Miguel Arroyo, talvez nos traga algumas pistas em seu livro “Ofício de mestre”, em especial, aqui quero lembrar o capítulo intitulado “Recuperar a humanidade roubada”, pois estamos vivendo momentos cruciais de despertencimento e afastamento de nossa essência humana. Paulo Freire

e Arroyo afirmam que educar é humanizar, que é necessário situar o olhar no desenvolvimento humano, que a escola pode ser um espaço de redenção, que se faz urgente uma pedagogia da recuperação de sua humanidade e, por fim, lembramos de que “A infância e adolescência negadas nos dizem que apesar de tudo guardam um possível humano. Que nosso ofício ainda tem sentido”. O trabalho aqui me remeteu a essas esperanças freireanas.

Enfim, os leitores e leitoras têm aqui um rico trabalho coletivo, que certamente iluminará aspectos da realidade dinâmica e contraditória em que vivemos, e que esperamos provocar questões necessárias para que sigamos adiante acreditando no poder transformador da educação, acreditando que outras formas são possíveis de fazer formação de educadores e educadoras, numa perspectiva inclusiva, e na imaginação necessária para ensinar e pesquisar sobre a Educação e a diversidade humana, formando uma geração com pensamento crítico

ativado.

Raquel Alves de Carvalho
Faculdade Intercultural Indígena
Universidade Federal da Grande Dourados

SOBRE OS AUTORES

Ana Cristina Brito Farias – Aluna do 8º período de Licenciatura em Ciências Biológicas 2023.2 – IF Goiano, Campus Urutaí.

Bárbara Leticia de Freitas Assis – Aluna do 8º período de Licenciatura em Ciências Biológicas 2023.2 - IF Goiano, Campus Urutaí.

Caio Renderson Farias Brito – Técnico em Agropecuária e Discente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, IF Goiano, Campus Urutaí.

Daiane Aparecida Cezário – Aluna do 8º período de Licenciatura em Ciências Biológicas 2023.2 – IF Goiano, Campus Urutaí.

Ingrid Giovanna Gondin Damaceno – Aluna do 8º período de Licenciatura em Ciências Biológicas 2023.2 – IF Goiano, Campus Urutaí.

João Pedro Martins Sousa – Aluno do 8º período de Licenciatura em Ciências Biológicas 2023.2 – IF Goiano, Campus Urutaí.

Leonardo Fonseca Severo – Aluno do 8º período de Licenciatura em Ciências Biológicas 2023.2 – IF Goiano, Campus Urutaí.

Maria Júlia Amâncio de Andrade – Aluna do 8º

período de Licenciatura em Ciências Biológicas
2023.2 – IF Goiano, Campus Urutaí.

Raynara Fernandes Alkmim – Aluna do 8º período
de Licenciatura em Ciências Biológicas 2023.2 – IF
Goiano, Campus Urutaí.

Thais da Silva Louzada – Aluna do 8º período de
Licenciatura em Ciências Biológicas 2023.2 – IF
Goiano, Campus Urutaí.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Daniel Valério Martins

Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, Pós Doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán, Doutor em Educação pela Universidade de Burgos, Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca. Professor no mestrado de Antropología de Iberoamérica – MAI da Universidad de Salamanca – USAL, professor no Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade – PPGET da Faculdade Intercultural Indígena – FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e professor visitante no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica – PPGNEB do Instituto Federal Goiano – IF Goiano.

E-mail para contato: jjfadelino@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5153427373291259>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>

Ruan Rocha Mesquita

Bacharel em Sistemas e Mídias Digitais pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Membro do Grupo Salamanca de Investigación en Antropología Indigenista y Educación Intercultural – GSIAIEI e Organizador das três edições do CIELCULTT – Congresso Internacional sobre Educação, Língua, Cultura e Territórios, desenvolvidos durante o mês de abril dos anos de 2021, 2022 e 2023 na

Universidade Federal da Grande Dourados e
Instituto Federal Goiano.

E-mail para contato: rocharuan@live.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7753165415346540>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0766-2133>



Coleção Cadernos de Ideias para Mudar o Mundo

